

SERÃO INQUIETO
CONTOS DE ANTÓNIO
PATRÍCIO

Edição de

Mafalda Moço
Maria Martins Reis
Maria Teresa Pinho
Sara Pereira

Coordenação de Ângela Correia

BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA

Lisboa
Junho de 2008

ÍNDICE

Nota editorial

Transcrição

Dialogo com uma aguia

O precoce

O homem das fontes

Suze

O Veiga

Words

Nota editorial

António Patrício nasceu no Porto a 7 de Março de 1878 e faleceu, em Macau, no dia 4 de Junho de 1930. Efectuou estudos de Matemática e frequentou a Escola Naval de Lisboa, mas foi na Escola Médica do Porto que concluiu o curso de Medicina, em 1908. Iniciou carreira literária somente aos 27 anos, em 1905, com o livro de poemas *Oceano*.

Acresce ainda uma original sensibilidade expressa nas *Poesias* (edição póstuma 1942), nos contos *Serão Inquieto* (1910), e sobretudo nos poemas dramáticos *Pedro o Cru* (1918), *D. João e a Máscara* (1924), e na peça *O Fim* (1909).

Este autor foi colaborador das revistas *Águia* (ligando-se ao movimento saudosista) e *Atlântida* onde parte da sua obra em verso andou dispersa. Só mais tarde, em 1954, foi reunida em livro com o nome *Poemas*.

Escolhemos editar este livro em suporte electrónico por António Patrício ser um escritor pouco conhecido pelo grande público.

Edições

Da primeira edição deste livro deverão ter sido feitas duas impressões, que se distinguem essencialmente pela capa. A primeira foi dotada de uma capa em papel fino (igual a uma folha) forrado com um papel ligeiramente translúcido, de gramagem mais alta (semelhante ao papel

vegetal ou papel de arquitecto) que se dobrou para dentro, como se forra em casa um livro a proteger. Neste papel, foi impresso o desenho de uma águia, encontrando-se em primeiro plano duas mãos estendidas para ela. No canto inferior esquerdo deste desenho, em tamanho minúsculo e de forma bastante dissimulada, encontra-se a seguinte informação: “1910 / Antonio Candido”.

Além do título do livro (“SERÃO INQUIETO . CONTOS”) e do nome do autor (“POR Antonio Patricio”), encontra-se também impressa informação relativa à editora: “Livraria Magalhães & Moniz, Lda, 11, Largo dos Loyos, 14 Porto”. A contracapa foi ilustrada ao centro com o desenho do perfil de uma mulher.

A segunda impressão desta edição difere da primeira essencialmente pela capa. Esta é constituída por papel de gramagem mais alta que a das folhas e nela foi impresso exactamente o mesmo que se encontra na impressão já descrita. Exceptuam-se exclusivamente as informações sobre a editora, que neste caso são as seguintes: “Companhia Portuguesa Editora, Porto”. A contracapa também difere, na medida em que não tem nenhuma ilustração.

É importante sublinhar que as duas impressões estão relacionadas pelo facto de, quando na primeira se detecta uma falha de tinta numa letra (eventualmente indicadora de um defeito na matriz), na segunda, a mesma falha encontra-se agravada. É o caso da letra “t”, na palavra “dramática”, impressa no verso da folha de rosto.

De resto, ambas as impressões contêm referência à mesma tipografia: “TYP. DA EMPRÊSA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA (OFFICINAS MOVIDAS A ELECTRICIDADE) 178, Rua de D. Pedro, 184 – Porto”.

Na Biblioteca Nacional de Portugal encontra-se um exemplar de cada uma das impressões: o exemplar da segunda impressão recebeu a cota L.14269 P e o da primeira recebeu a cota F.A.2540 P. Este exemplar contém algumas anotações manuscritas, eventualmente interessantes. Na margem superior (canto esquerdo) encontra-se escrito “escrevi”. Na folha de rosto pode ler-se, com a mesma caligrafia, a dedicatória “A Fialho d’Almeida com muitas saudades do todo seu, Antonio”.

Na mesma folha de rosto onde se encontra a dedicatória, na parte inferior, foi colado um selo onde se pode ler :

LIVRARIA
DE
FIALHO DE ALMEIDA
1912

Poderíamos ver neste selo uma indicação de ter o livro entrado na biblioteca particular do escritor Fialho de Almeida em 1912, onde os livros seriam marcados com um selo de propriedade. Esta conjectura carece de desenvolvimento, no entanto, porque Fialho de Almeida faleceu em 1911.

Seja como for, a edição, cuja data não foi impressa, deverá ser posterior à data do desenho impresso na capa (1910) e anterior à morte de Fialho de Almeida a quem o exemplar da Biblioteca Nacional é dedicado (1911).

Da colectânea de contos *Serão Inquieto* foram feitas mais três edições: uma em 1920 (Livrarias Aillaud e Bertrand), outra em 1979 (Assírio e Alvim) e outra em 1995 (Relógio D'Água). A comparação de cada uma com a primeira edição demonstra que todas se nortearam pelo objectivo de actualizar a grafia e corrigirem eventuais gralhas. O quadro abaixo dá conta de algumas divergências significativas.

Comparação de edições

**Companhia Portuguesa
Editora, 1910**

O que eu viajei nos
temporaes a ouvil-a!
(p. 35)

Não embotava como os
outros n'um cynismo
comodista: cada vez
destrambilhava mais.
(p. 160)

Assírio e Alvim, 1979

O que eu viajei nos
temporais a ouvi-a!
(p. 29)

Não embotava como os
outros num cinismo
comodista: cada vez
destrambelhava mais.
(p.109)

**Companhia Portuguesa
Editora**

as coisas mais banaes
tinham um não sei quê
d'estranho
(p. 50)

Editora Relógio d'Água

as coisas mais banais
tinham um não sei quê
de estranho
(p. 32)

<p>Bastava vêr-lhe as mãos correndo a dobra do lençol, de veias altas, entrumescidas de ternura, e poisarem (p. 51)</p> <p>Contra o sol, as janellas, os balcões, tinham stores de longos fios d'agua (p. 94)</p> <p>nem um só Cyreneu topaste que ao estender-te a mão te não pedisse gozo (p. 141)</p> <p>e muita vez contrascenou com os candieiros (p. 176)</p> <p>mas enquanto a cathedral se quéda em extase, as velas se seguem entre adagios d'azas (p. 213)</p>	<p>Bastava ver-lhe as mãos correndo a dobra do lençol, de veias altas, entrumecidas de ternura, e poisarem (p. 32)</p> <p>Contra o sol, as janelas, os balcões, tinham estores de longos fios de água (p. 57)</p> <p>nem um só Cireneu topaste que, ao estender- te a mão, te não pedisse gozo (p. 81)</p> <p>e muita vez contracenou com os candeeiros (p. 101)</p> <p>mas, enquanto a cathedral se queda em êxtase, as velas seguem entre adágios de asas (p. 124 e 125)</p>
--	--

**Companhia Portuguesa
Editora
1910**

sangue d'amor
(p. 18)

renasciam a vibrar
d'esperança
(p. 56)

- p'r'acabar
- d'alguem
(p. 167)
- d'incosnciente
- D'uma maneira geral
- São causas d'ódio
- Os programas do
governo
- como as metaphysicas
para as religiões.
- nem as segundas os
crentes
(p. 208)

**Livrarias Aillaud e
Bertrand
1920**

sangue de amor
(p. 18)

renasciam a vibrar de
esperança
(p. 56)

- p'ra acabar
- de alguêm
(p. 167)
- de inconsciente
- De uma maneira geral
- São causas de ódio
- Os programas de
governo
- como os dogmas para
as religiões.
- nem os segundos os
crentes
(p. 210)

Critérios de edição e normas de transcrição

A presente edição partiu da transcrição do exemplar da primeira edição, segunda impressão, de *Serão Inquieto*, existente na Biblioteca Geral de Coimbra (869.0-32 Patrício PAT).

Fizemos preceder a transcrição de um índice cujas hiperligações levam automaticamente até à primeira página de cada conto.

Adoptámos as normas de transcrição que se seguem.

- Mantivemos todas as características ortográficas da edição transcrita, bem como os tamanhos de letra relativos do corpo do texto, dos títulos e dos subtítulos.

- Conservámos o itálico em todas as palavras que assim foram impressas na edição transcrita.
- Não incluímos imagem da capa.
- Não reproduzimos o espaço entre os sinais de pontuação e a palavra anterior que, por vezes, ocorre na edição transcrita.
- Não reproduzimos os enfeites de página (cf. por exemplo na p. 11, onde um deles separa o título do conto do início do mesmo).
- Não conservámos as páginas em branco da edição transcrita.
- Assinalámos as palavras que considerámos gralhas em nota de rodapé.
- Não reproduzimos os asteriscos e os números impressos, na edição em papel,

na margem inferior direita de algumas páginas.

- Uniformizámos o espaçamento entre as palavras.

Bibliografia

SARAIVA. A. J., e LOPES, O. (2005), *História da Literatura Portuguesa*, capítulo II, p. 979, Porto Editora, 17.^a edição.

Agradecemos à Prof.^a Doutora Ângela Correia,
coordenadora deste projecto, a ajuda prestada na
obtenção da cópia do modelo do livro existente na
Universidade de Coimbra, Biblioteca Geral, bem como o
permanente acompanhamento na preparação desta
edição.

DO AUCTOR:

OCEANO (versos).

O FIM (historia dramatica em dois quadros).

SERÃO INQUIETO (contos).

A SEGUIR

A NAU DE PAN (contos).

ANTONIO PATRICIO

SERÃO INQUIETO

(CONTOS)

MAGALHÃES & MONIZ, L.^{DA} – EDITORES

11, LARGO DOS LOYOS, 14

PORTO

TYP.DA EMPRÉSA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA

(OFFICINAS MOVIDAS A ELECTRICIDADE)

178, Rua de D.Pedro, 184 - PORTO

A

Antonio Candido

Écris avec du sang et tu apprendras que le sang est esprit.

Ainsi parlait Zarathoustra.

F. NITZSCHE.

DIALOGO COM UMA AGUIA

DIALOGO COM UMA AGUIA

Fui jantar hontem ao Palacio. Estava lindo! Felizmente ninguem. Tudo deserto. Quando eu desci do restaurante, a accender um Laferme com preguiça, cahia a tarde d'outomno em vitraes ricos pr'além das ramarias a despir-se. Passeei algum tempo na avenida, e sem saber porquê, indo ao acaso, fui estacar n'esse recanto triste onde móra engaiolada uma aguia velha. Ha que tempos conheço este mostrengo, n'um abandono d'asylo, de ar pedinte, com azas que dirieis

paralyticas, d'um tom coçado e neutro de miseria!... Uma aguia isto, este espantallo! A decadencia réles d'estas azas, que tanta vez olhei com indifferença, nem eu sei bem porquê, impressionou-me. Um animal de fábula, de mytho, um ser que bebeu sol de olhos abertos, curvava as garras frouxas n'um poleiro, e depois de carnagens e aventuras, encolhido, miserrimo, com fome, acabava a aspirar a um meio-beef como um vadio á porta d'um café. Coitada! Teve uma fórma assim aquella aguia que saboreou Prometheu n'uma montanha!

A gaiola está sordida, está immunda. Antes estivesse empalhada n'um muzeu ou no quarto de trabalho d'um zoologo, socio da Academia, homem d'estudo, que ao voltar da rua ou da gloria lhe pendurasse do

bico o chapéu alto. Coitada! Coitada! E notei com um calefrio que pronunciára alto este «coitada», com uma voz que a mim mesmo surpreendeu pela inflexão perturbante de quinto acto. Olhei a aguia. Vi-a encolher-se toda, contrahir-se, enclavilhar as garras no poleiro, como a uma dôr aguda que a varasse. Encarou-me por fim, olhou-me todo, fazendo-me córar dos pés ao côco, e com uma voz que não era a voz da fábula, sem nada de lendario, sem estranho, com uma voz normal de velha beata, arrastada e roufenha, quasi gaga, cacarejou n'um tom de dôr e mófa :

– Ao que eu cheguei! Ao que eu cheguei! Já tem pena de mim *isso* ahi fóra...Antes estar morta e pôdre, antes estar pôdre...

Estarreci. Não era o impossível realizado d'essa carcassa d'aguia a fallar alto, a fallar como eu, que me empedrava: nem sequer o estranhei n'aquelle instante; mas o dolorosissimo desprezo com que ella me chamou *isso ahi fóra*, com que ella ouviu que um *isso* a lamentava. Deitei fóra o cigarro bruscamente, compuz um mômo frio de desdem escondendo a irritação que me excitava, e premindo a bengala contra o queixo, retorqui-lhe benevolo e grosseiro:

– Não percebo o seu desprezo, não me attinge. Eu não disse «coitada» p'ra offender. É sempre triste vêr uma aguia presa, mas n'uma gaiola, assim, é lamentavel. P'ra mais, conforme vejo no letreiro, foi um commendador que a offereceu... E a gaiola...

– Que tem? Falta d'estylo?

– Está cheia de excrementos. Está indecente.

– Já não diria isso se os visse cahir d'alto, no deserto, sobre o granito cariado d'uma esfinge... Scenarios, digo-lh'o eu, litteratura...

Eu então requinteí de pedantismo e perguntei-lhe a rir de que alta stirpe, de que aguias reaes, de que familia, ella veio a cahir n'este poleiro, onde agora a ouvia perorar n'um claro entardecer d'intimidade, com idyllios de guardas e creadas, raros bebés jogando ás escondidas e um homem a varrer as folhas seccas. Coçava-se a hesitar, com o bico baixo. Sacudiu as longas azas poeirentas e com uma voz de somno começou:

– D’alta stirpe, sim, d’uma familia de aguias antiquissima. Uma das minhas ancestraes, como agora se diz, fez viagens épicas na Judeia, e n’um crepusculo d’assombros, abrindo com as garras uma cordilheira de nuvens, viu pregado na cruz o Hebreu Dôce, e logo desceu ao môro n’uma gula tão doida, que ensanguentou no ar de sêda as azas bravas... Rasgou o peito magro do Homem-Deus e ficou doida p’ra sempre, doida, doida, na hallucinação d’esse manjar pathetico, de martyrio divino e desespero. Porque ella ouviu a confidencia do Heroe meigo... Mas não posso contar-lh’a, nem mais pio! É um segredo de familia, é o meu segredo.

Amuei, retorqui n’um tom mimalho:

– Mas então, se não podia contar, p'ra que me fallou n'isso? Eu sou d'uma curiosidade feminina. Já não saio d'aqui sem que m'o diga.

– Mau! O senhor é uma creança. Que tolice! Dezenas e dezenas d'avós meus, gerações e gerações d'aguias marinhas, levaram o segredo herdado e não trahido, que nem ao sol, que é o deus das aguias, revelaram. E quer agora o senhor com um papelzinho que lhe custou uns cobres (se é que o pagou) violar um murmurio que tem seculos, e é a ultima vibração d'aquelle espirito que vestiu de nebulosas toda a Vida... Sabe que mais? Estou já arrependida de fallar.

– Não se zangue. Juro-lhe, juro-lhe que não digo nada a ninguem. Se soubesse o que

eu sei!... Segredos de família, dramas...
dramas...

Esperei um instante ansiosamente. A
aguia inteiriçou-se, sem me olhar, bicando
longes de memória, de saudade:

– Não sei que tenho hoje. Velhice, morte
proxima talvez, presentimentos... Quando
essa avó longinqua cravou as garras no
peito d’esse Réu e lhe bicou o coração e
bebeu sangue, sentiu que enlouquecia, que
era outra... Como se ferisse uma irmã, teve
remorsos; fixou os olhos bebedos de sol nos
olhos d’Elle, refrescou-lhe com as azas a
cabeça empastada em suor, d’um verde li-
vido...

A cruz que estremecia, ficou hirta. E foi
então, foi então que Elle lh’o disse...

– Mas o quê? O quê? Diga depressa.

– O segredo, senhor, o meu segredo.

– Mas qual é afinal? Quer torturar-me...

– Renegou-se a Si-mesmo. Retractou-se!

Disse o remorso de não ter vivido, a tristeza infinita, o desespero e o mal sem remedio de ser virgem, de morrer no corpo morto d'uma arvore, unico corpo que sentiu, o d'um cadaver... As estrellas que nasciam no ceu dubio, eram p'ro Moço Hebreu pollen doirado e a sua alma moribunda abria toda como os hortos ideaes da Galileia... o peito arqueou-lhe mais, contracturado... Queria largar a cruz p'ra poder dar-se, á terra d'esse cerro, a alguma fórma, a um corpo de mulher, a alguem, a alguem...

A voz da multidão pela ravina era um marulho de ressaca mui confuso, e Elle sentiu entre pragas e risadas, entre os lamentos

e os insultos que silvavam, sentia vozes de mulher... ouviu, ouviu-as... Só ellas Elle ouviu, ouvia sempre... Queria fallar ainda, quiz fallar-lhes e pedir-lhes perdão do que lhes disse, com parabolias mentirosas de doçura e com olhos de lago sem desejo... Esvaia-se em sangue, ia azulando. Foi então que a minha avó, n'um vôo lento, lhe emmoldurou nas azas concavas a Face... e que ella ouviu, senhor, e que ella ouviu...

Calou-se um instante immovel no poleiro. Reparei. Era o guarda que passava.

– Já não sei onde ia. Estou com febre. Ah! No que ouviu a minha avó n'aquelle instante... Quando eu penso n'isso, quando penso... Imagine, se póde, ora imagine... Elle que era um Adivinho, Elle o Vidente, n'um d'esses instantes de genio que abrem

seculos, previu, previu bem claramente como se mentiria á Vida em nome d'Elle, a morte da Belleza e da Alegria, a Tristeza e a Doença em nome d'Elle, seculos e séculos de vida envenenados por o sangue d'amor que Elle vertera, e iria embebedar os homens

muito tempo, para sempre talvez, talvez p'ra sempre. Sentiu então que a querer salvar-os, os perdera... Certo, esse instante de dôr sempre ignorado foi o maior de dôr que alguém viveu. E como Elle a diria, como...

– Em que lingua fallou? Foi em hebraico?

– Foi na lingua das azas que Elle o disse.

Nao lh'a posso ensinar, já me não lembro. Quando me engaiolaram, esqueci-a. Mas que impressão lhe faz o meu segredo? Se os

homens a soubessem, seria Elle na verdade o Redemptor...

– Sim, sim. É bem justo o que me grasna. Shelley tel-o-hia amado como irmão e Nitzsche, o proprio Nitzsche...

– Bem sei. Esse affirmou com pompa lá p'ró Norte, que Elle decerto se teria retractado se tão cedo não o crucificassem. Foi minha mãe que o disse a Zarathustra. Zarathustra ouviu mal, não disse tudo. A verdade é assim, como eu lh'a conto. Parece que os homens riram do philosopho. Acharam tudo isso uma tolice...

– Acharam...

– E afinal esse Hebreu crucificado, no instante supremo de tortura, quando p'r'alem das nuvens o esqueciam, chamava só por Pan, o grande Pan! Se os homens

soubessem isto e o entendessem, teria o grande Pan resuscitado. Seriam brancas estas pobres azas...

– Brancas?! Porquê?

– Durante seculos tivemos azas brancas, todas nós, aguias da minha stirpe. Foi só depois que Pan morreu que ellas ficaram pretas, como luto. Quem se lembra de Pan por estes tempos?...

– Os que sabem amar, os que ainda amam.

– Os que sabem amar!... Esse Hebreu mesmo só conheceu o Amor no alto da cruz. Viveu como um phantasma transparente, com sonho nas arterias e nos olhos... Só escoado em sangue, no madeiro, viu nos olhos da minha avó sanguisedenta, dois espelhos do Amor, irmão do sangue...

– Conhecem lá o Amor aves de prêza!

A aguia crispou as garras no poleiro e casquinou um riso muito secco, que soava sem timbre, como tosse. Depois mudou de aspecto. Começou a tremer, toda friorenta, as azas como andrajos mais pendidas, e nos olhos de febre, muito fitos, uma grande saudade que varava.

– O amor das aguias... O amor das aguias...

– Que tem? Está commovida. Conte-me o seu amor. Sou todo ovidos.

– O meu arnor... O meu amor... Já me não lembro. Já não posso dizer-lh'o. Vae tão longe!... Sou uma velha tonta, sem memoria, um farrapo de pennas para escarneio. Nem olho o sol em face ha muito tempo. O meu amor... o meu amor... Já me não

lembro. Coisas sem fôrma... nuvens...
nostalgias...

Fez uma pausa. Parecia mais adunca,
mais mirrada.

– No convez d’um navio abandonado,
amei no mar do Norte, aos vagalhões, noites
e noites, bebida d’espuma... Havia a bordo
um marinheiro morto. Lembro-me bem.
Que noites! Que mar alto!

Tive um ninho e filhos pequeninos, n’um
jardim vago, ao sol da meia-noite... Que
silencio! Sentia-o a passar por entre as
garras...

Ensandeci de gozo no deserto... Ouvi a
Esfinge fallar, ouvi a Esfinge, quando o sol
lhe fendeu todo o granito, pôz ranhuras de
dôr nos olhos atonos e escancarou a bocca
em rictus duros... O que eu ouvi á pobre!

Soluçava!... Eis o enigma afinal, o grande enigma, á hora das miragens, do delirio, quando o sol enraivece, é só desejo, e o deserto urra no silencio, e as areias escaldam e o ar zune... Amei... amei... amei na terra toda... Desfraldei o desejo, cravei garras. Olhei o mar saciada e com prehendi-o.

– Tem saudades do mar ahi na gaiola?

– Como um marinheiro preso... doidamente... O que eu viajei, o que eu viajei por sobre a espuma!... Sei as lendas do mar como ninguem. Contou-m’as n’uma rocha um corvo antigo. Como sabe, os corvos vivem seculos... Sabia-as todas esse velho amigo... naufragios e terrores... dramas da nevoa... O mar! O mar! O que eu amei no mar! Mas o senhor não

compreende, o senhor não sabe. Que sabem do Amor os homens todos?... Foi esse Hebreu, sem querer, que os desgraçou. Fizeram ao Desejo, o que fazem ás aguias quando podem... Está como eu o Desejo: engaiolaram-no! Fizeram do Amor isto... um dever! Um dever... um dever... um dever triste! Empalaram-no em leis, codificaram-no. Até fizeram isso... o casamento! E vivem em gaiolas, os seus lares! Raça d'escravos! Se esse Hebreu os visse...

– A senhora é uma aguia, não percebe...
Eu não posso explicar-lhe a Sociedade...

A aguia olhou-me com um desprezo frio.

– O quê? Não sei? Sei mais do que Balzac. Eu li-o todo em casa d'um burguez. Vivi lá dez annos d'amarguras. Estive presa primeiro no quintal. Depois cortaram-me as

azas e soltaram-me. Soltaram-me mutilada pelas salas... Canalha! O que eu odeio os homens... As creanças, veja o senhor os anjos!... arrancavam-me as pennas, espetavam-me o corpo com agulhas, e um dia um creado na cosinha, tentou picar-me os olhos ás risadas, a rir, a rir... como só ríem homens. Soffri dez annos entre essa canalha! Era uma gente séria, muito séria. Vi a Família, a Tradição, vi tudo! Não queira argumentar, não diga nada. Sou uma aguia mas conheço os homens.

– D'accordo. Eu não duvido. Não quero discutir, não argumento. Mas fallamos do Amor e apenas digo que ha ainda quem ame sobre a terra... gente da minha especie... homens... homens... O amor, ha-de a senhora concordar, não é um monopolio

d'azas nomades... Um bipede implume tam-
bem ama. É raro, eu sei, amor genuino é
raro. Mas existe ainda, affirmo-lh'o eu,
existe ainda...

– Que novidade! Pois não lhe disse já que
li Balzac? E viajei e vivi mais do que pensa.

Parou um instante, o olhar scismatico
sem fóco:

– ... Uma vez, n'um ceu da Andaluzia, vi
n'um jardim mourisco dois amantes. Senti o
cio encrespar-me, as azas largas, e descí
p'ros vêr de perto na luz d'ouro... Era na
paz d'uma cidade morta. Pousei n'um dos
cyprestes do jardim. Tinha uma taça d'ala-
bastro esverdinhada e uma agua glauca que
cheirava a febre. Era junto da taça que se
amavam, sob a garra do sol, loucos de raiva.
Fiquei quêda a aspiral-os muitas horas. Que

corpos fortes! Eu achava-os lindos. Dormi na torre da igreja, n'uma gárgula, e de manhã voltei p'ros vêr ainda. E assim dias e dias... Uma vez demorei-me, vim mais tarde e encontrei-os immoveis e enlaçados. Tanto tempo os vi assim e tão immoveis que pensei: *estão talvez mais que adormecidos...* Desci. Bati-lhes com as azas nos cabellos. Cravei as garras devagar nos seios d'ella... Estavam mortos! Julguei então enlouquecer de gula! Devorei, devorei até á noute... Lembro-me que sorvi os olhos d'ella. Estavam seccos d'amor. Eram cinzentos...

– Que horror! O que a senhora fez.!...

A aguia ergueu as azas n'um espanto e tornou a fechal-as lentamente. Depois com grande enfado, foi dizendo:

– Que absurdos macacos são os homens!
São os animaes mais torpes que eu conheço.
Como tudo que vive, como todos, só
pensam em gozar, gozar a vida... e com esta
obsessão a estorcegal-os, prendem-se os
braços, castram os desejos, adoentam-se,
torcem-se... progridem. Querem morder,
morder bem fundo... e beijam-se, sentem
calor e andam ao sol vestidos; amordaçam o
instincto, os imbecis!... Encerram o desejo
nas alcovas, onde não entre sol, sombra de
lua... Têm estatutos, clausulas, paragraphos.
Não fecundam a amar, são fabricados: são
productos d'industria os homens de hoje!
Chamam a isto Civilisação. Não vivem por
viver: têm deveres a cumprir, obrigações...
E tudo isto em codigos, systemas, em
religiões, theorias, em moraes!... P'r'ós que

tentem ser homens a valer, ha prisões, ha leis, ha toda a Ordem! Existem já na terra ha muitos seculos e ainda não começaram a viver... ou se viveram, foi na Pre-Historia ou na Pre-Lenda! Que macacos absurdos! Que macacos!

– Mas pare um instantinho, ouça, ouça...

– Não me masse, senhor, não me interrompa... O que mais os consóme e os faz grotescos e os enche de vaidade, é a Consciencia, o Espelho, o Guia, o grande Guia, que os levou a isso que são hoje...

Atalhei, como quem aponta um cúmplice:

– A culpa foi d’esse Hebreu de quem fallámos. Talvez se o seu segredo se soubesse...

– Não foi só d’Ele, foi de muitos outros... Antes d’Ele e depois..., de muitos outros.

Tremeu-lhe o corpo todo. Arrepanhavam-se-lhe as pennas. Estava outra. Via-a transfigurar-se com espanto.

– O senhor é bem um homem. Não se póde nutrir sem illusão. Quando ha pouco lhe disse o meu segredo, dei-lhe a entender que se elle se soubesse, havia na verdade um Redemptor, os homens viveriam sobre a terra. Tive pena de si que é um desgraçado. Sempre lh’o digo agora: era inutil! Conheço bem os homens por meu mal. O segredo do Hebreu que lhe contei, não é um caso unico: é de sempre. *A’ hora de Morrer – a uma aguia, aos lençoes ou ao travesseiro, todos os homens têm como esse Hebreu, um*

*segredo supremo a revelar. E' apenas isto:
a confissão de que morrem sem viver.*

Continuou depois com o bico alto:

– Os homens são uma especie conde-
mnada. *São bastardos de planta e de phan-
tasma.* (Nietzsche)¹. Quem disse isto? Não
sei... estou sem memoria. Raça d'escravos
vis, raça d'escravos! E p'ra fugir á Vida o
que inventaram! Como trabalham, suam e
tressuam!... Dissecam tudo, arvores e
pedras, fecham-se em quartos a estudar
microbios... E cada dia são mais
desgraçados, mais fracos, mais inquietos e
mais tristes!... Cada dia se embrulham mais
em roupas, põem mais vidros nos olhos,

¹ A indicação do autor foi feita na única nota de rodapé do livro em papel. Optou-se aqui pelo parêntese para não se confundir com as notas de edição.

teem mais medo... E cada dia fogem mais á vida! Que imbecis! Que imbecis! Que especie torpe!

Sentia-me exaltado, nervosissimo. A voz sahiu-me estrangulada, rouca, em sobressaltos, brusca, sem fluencia:

– A senhora diz coisas que me espantam, que por vezes são justas e terriveis, mas ha outras tambem que não entende, que não póde entender, sim, que não póde. E’ natural. A senhora é d’outra especie. Tem vivido com os homens mas é aguia... e aguia ficará até morrer.

Parei. Sentia-me vazio, em suores algidos, quasi incapaz de articular palavras. Ella então, com a plumagem toda crespada, transfigurada agora, agora outra, já com metal na voz, interrogou-me:

– O quê? O quê? O que é que eu não entendo?

Sem recursos, nullo, desvairado, atirei-lhe este logar commun, como se estivesse a fallar com um jornalista:

– Por exemplo: o Sentimento, a Belleza moral que ha no Universo!

Vi-a saltar do poleiro, esvoaçar, bater azas de furia nos arames e recahir depois na mesma pose, a arquejar, asmathica de raiva. Ficou assim sem falla ainda algum tempo. Apeteceu-me fugir. Tive vergonha. A voz d'ella por fim veio em arestas, ferindo o meu orgulho já ulcerado:

– A Belleza moral!... O Sentimento! Que fizeram com isso?... Que fizeram? A Harmonia social, esse concerto que é de rasgar os olhos e os ouvidos. A fome, a

revolta, o desespero... A raiva de saber, de analysar, de fechar em theorias toda a Vida... A Duvida, a loucura metaphysica e o culto da dôr, esse onanismo!... A impotencia em tudo, a impotencia... E por parodia á luta de viver, uma luta sem garras, enluvada, um odio triste e covarde, corrosivo; a intriga e a cilada pela força; a caridade que é o egoismo doente, e o culto dos idolos, os cultos, a escravidão aos deuses e ás ideias... A Harmonia social... essa gaiola onde vivem a uivar os homens todos!

Dava gritos estridulos, sarcasticos: as pennas erriçavam-se de furia.

– Oh! O odio dos homens, que grotesco!
E ha classes oppressoras e opprimidas, com formulas, com clausulas, com leis!

Não é o odio cellular, contracturante; não é o odio animal todo d'instincto; não é o odio de todos quantos vivem! O odio dos homens foi canalizado, por seitas, por classes, por partidos, em dogmas, preconceitos, covardias. Nos outros animaes o odio é organico! Todo o combate é sempre pela Vida. O dos homens é anemico, miserrimo, e defende o dever, o preconceito, as taras de dominio e servidão, e até mesmo na revolta é miseravel, pautando a Vida, systhematisando. É o odio da parodia de viver, do phantasma de Vida que elles vivem!...

Parou. Eu estava como tonto, desvairado. Tinha decerto endoudecido essa aguia velha, delirava, dizia só loucuras, mas eu não achei nada para oppôr-lhe, p'rá anniqui-

lar n'esse silencio de fadiga. De subito lembrei-me: a Arte, a Arte, toda a minha chymera de mãos postas!

Sentindo-me d'esta vez irreductivel, gritei-lhe p'ra gaiola:

– E a Arte? A Arte? Consolação suprema de viver...

Teve farpões d'escarneo ao responder-me:

– A Arte!... A Arte é a expressão da Vida. São os homens que o dizem, não é assim? Ora se elles não vivem, se não vivem se parodiam a Vida a cada instante, se fogem mais e mais da grande Vida, a Arte é uma parodia de parodia, um espectro d'espectro... miseravel! Querem com tintas imitar o ceu e transcrevel-o em lonas, em madeiras!... O ceu bebe-se aos haustos, com

os olhos; olha-se por olhar, sem intenção; recebe-se nas pupillas extasiadas, que se alargam mais com sêde d'elle... É o que faz um sapo a olhar os astros! É o que os homens não comprehendem nunca! Toda a terra é feliz se o sol a doura; tudo germina, as pedras e as sementes... Só os homens que se cobrem p'ra evital-o; que nas cidades gastam horas a vestir-se; que teem por ceu só um panninho concavo a que chamam guarda chuva ou guarda-sol; que o côm nas egrejas por vitraes, que usam lunetas, que o receiam sempre; que teem medo da morte ás suas garras, deslumbramento e orgulho d'aguas soltas; só os homens, absurdissimos macacos, querem copial-o em lonas, em madeiras, com tintas, com carvões, com paus de côr!...

Que macacos absurdos, que macacos!

Bem quiz interrompel-a, não podia. Vibrava de loucura negadora, hieratica, estranha, convulsiva.

– E nem poupam o mar nem as seáras, as penedias trágicas, as rosas! Mettem o mar n'uns centímetros de lona e com medo que as marés vão suffocal-os (a aguia ria, ria como louca) mandam emmoldural-o, encaixilhal-o!...

Prendem-no assim nas salas, nas alcovas. Oh! A Arte dos homens! Coisa immensa! A parodia da Vida... paralytica! Mas vá alguém dizer-lh'o! Vão dizer-lh'o! Ainda os antigos cegavam as estatuas... Estes abrem-lhes olhos, bem abertos, a reflectir... o quê? A vida d'elles, a parodia de vida que eles

vivem e que andam a imitar ainda por cima!...

A noite começava a entrar nas coisas. Um grito de pavão varou o parque, assustou os jardins que adormeciam e um instante no ar, teve saudades... Uma angustia sem nome andava esparsa, cahia das arvores grisalhas, que pareciam á escuta, com terror. Em frente o chorão vergava mais, quasi razava a terra com doçura, em curvas d'um encanto nazareno. Uma sereia aguda de vapor, já a sahir a barra certamente, mugiu como um agouro de naufragio. A treva ia afogar toda a gaiola. Não via bem a aguia, mal a via. Só os olhos e as azas muito vagas... Era um phantasma d'aguia áquella hora, mas crescia em mim desmesurada, como um ser de fábula e tragedia, oraculo sarcastico e

sinistro, lendo o horoscopo num poleiro réles, como se rasgasse a esperança com as garras. Afinal era eu a sua preza e ouvia-a passivo a torturar-me.

– A Arte dos homens! Que mentira triste! Em vez de serem bellos como estatuas, derrancam mais os corpos para erguel-as! Até modelam sonhos e chymeras!...

Nunca olharam as nuvens, nunca as viram, esses marmores ao vento, fluctuando... E o vento! O vento! Sabem lá ouvil-o! Tanto não sabem que quando elle préga, durante o inverno em que elle é todo genio, mettem-se em casas grandes, bem fechadas, p'ra ouvir sons, sons, immensos sons... Chamam a isso Musica. Conheço-a. Desde que vivo com os homens perseguiu-me. Nem aqui na gaiola eu lhe escapei. Toca aos

domingos horas, no corêto. Enche-me mais de raiva e de miseria. A musica das aguias como é outra!... Quem a ouviu como eu quando era aguia, antes de ser esta carcassa réles! Nas montanhas, no mar, na nevoa movel!... Sobretudo no mar, no grande mar... o que eu viajei nos temporaes a ouvil-a! Ás vezes partiamos no vento em turbilhões, azas e azas, nómades, pairantes... Regougos d'ondas, nuvens a rasgar-se e os nossos gritos, bebedos d'espuma!... E mil vozes de formas nunca ouvidas, a voz de tudo, tudo, a voz de Pan! E o silencio, o silencio... Certos instantes unicos, supremos, em que elle se ouve; o temporal hesita, e um pánico arrepanha as azas todas... Como é agudo, agudo, esse silencio!... Nas meias noites d'estio... o que

eu gostava de despertar no ether melodias, ferindo-lhe o teclado luminoso, numa alma de vôo, serenissima... Punha medo com o rumor das minhas azas ás nuvens que dormiam extasiadas, e auscultava a noite pelo ceu, até ouvir a manhã vibrando toda, quando o ar é uma orchestra myriadaria e os homens dormem nas alcovas mornas...

Estendeu por minutos seculares o seu monologo pathetico de velha, essa arenga evocativa de phantasma, lapidando o meu ser com ironias, em que memorias épicas passavam, como o granizo aos pobres em dezembro. Todo o meu senso critico se foi na rajada feroz dos seus desprezos: era uma furia aguda de vingança, de esfrangalhar essa carcassa oraculo, varar-lhe os olhos com a ponteira da bengala, acabal-a de vez,

estrangulal-a. Retorqui-lhe então com a voz dura, pondo raivas de morte nas palavras:

– Sim, sim... Diga ainda mais... o que quiser. Cante á sua vontade, minha amiga! Insulte os homens, ria, desgraçada. Nem me dou ao trabalho de a esmagar. Só lhe pergunto isto, apenas isto: quem a tem ahi bem presa na gaiola? A si e a esse môcho seu visinho? Ao leopardo, ao lobo, a essas feras? Quem lhe dá por esmola beefs pôdres, e faz de si o riso das creanças e a ha-de empalhar depois de morta?... Você é uma aguia tonta, dementada, que a escravidão ensandeceu de vez. Melhor, melhor! Assim faz-nos rir mais. Grasne p'r'ahi; rebente a divertir-nos!...

Parei p'ra tomar folego, cansado; mas o relevo immovel d'essa ave, a sua forma he-

raldica de bronze, alheavam-na tanto d'esta colera, do desespero besta em que eu tremia, que me pareceu inutil continuar e me senti um titere grotesco. Era o mais infernal dos casuistas, essa aguia impossivel de ferir, feita de sombra, emmoldurada em sombra, presa nessa gaiola e mais distante que se esgarçasse as azas nas estrellas. Emquanto assim pensava, eil-a que falla:

– Bem certo, sim, bem certo o que me diz! O Homem alastra pela terra como um cancro, pervertendo a vida, corroendo. Reduziu-me a mim, azas e garras, a um animal grotesco de capoeira, meio tonto de dôr e de miseria. E as feras!... Exhibem-nas nas feiras e nos circos, em gaiolas de ferro, á luz electrica, ante o pasmo alvar das multidões, rindo da força mutilada e doente. Cortam as

jubas aos leões, abrem-lhes risca, dão-lhes chicote e beefs, civilisam-nos! E quando os teem nas jaulas somnolentos, sem força e sem instinto, entorpecidos, com as pupillas d'oiro marasmadas, com as garras inuteis já sem preza, acham-se heroicos porque os chicoteiam, mesmo quando elles tremem de sezões, mesmo quando elles morrem de saudade!... Não ha amôr d'azas, n'um rochedo á nevoa, que o terror dos homens não errice!... Antes d'isto, porém, já os adoraram. No Egypto, em tardes de colheita, o vôo das ibis riscava no ar do Nilo curvas em que elles viam prophecias... E outros como Isis, como Anubis, succumbiram no tédio de ser deuses, e depois das pompas rituaes, de offerendas, de orações,

de sacrificios, são os servos miserrimos do homem, domesticados já, civilizados!

Mutilam as arvores, deformam-nas; exibem certas plantas nas estufas, com saudades do humus e do sol, e trazem na lapella rosas martyres, que abriam de desejo como noivas, á espera do pollen bem-amado! Não entendem o sangue nem a seiva: vão pervertendo tudo, corroendo! Até que um dia, não mais florestas, cathedraes a Pan! A terra será calva como um sabio, e cordilheiras, montes e ravinhas serão assassinadas, cavadas, p'ra que os homens mobilem os palacios, p'ra que tenham poleiros nas gaiolas... Os areaes, as deserteiras ruivas onde o mar espadana e se extasia, terão motores, installações fabris p'ra utilizar a raiva das marés, em quê, deus-sol?... a enriquecer

industrias... Todo o azul será viuvo d'azas, e os filhos das aguias e das feras nascerão em gaiolas e em jaulas! Ah! Mas tambem nada haverá mais triste do que os filhos dos homens, as creanças... A innocencia, essa graça animal, de flôr e de ave, que elles chamam divina... os imbecis! não mais existirá nos filhos d'elles, reflectindo nos olhos já doentes, a farça de viver, como nos velhos... Será assim um dia, será assim. Onde irão depois refugiar-se? Nos braços do amor, do amor d'elles, em que um olhar de mulher lembra um naufragio e faz que cada trança, por mais loira, venha a ser sempre a forca d'um destino! A terra será a cathedral do soffrimento, fim da farça sinistra que elles vivem, a inventar anesthesicos e dôres!

Certo, o farrapo de pennas que hoje sou, é bem obra dos homens. Certo, certo... Mas aqui mesmo, n'um poleiro réles, garras em côtos, quasi paralytica, consola-me pensar que nenhum d'elles será nunca o que eu fui, azas e garras, vivendo pr'o Desejo pelo Instincto, e em nomaderias de vertigem, amando tudo, tudo, a terra toda, na luxuria suprema e inconsciente, de viver, de viver só por viver!

Fez uma pausa. Tive a visão d'aquella vida fulgurante, evocada em gritos de delirio, por essa pythonisa d'azas longas que cortava com o bico o meu destino.

Foi então que eu ouvi estas palavras, que eram mais que um soluço, que um crocito, uma especie de guincho em que houve lagrimas.

– Iriam cair nas mãos dos homens os meus filhos!...

Lambeu-me um calefrio de vertigem.

Era de mais, meu Deus, era de mais! Não era já o meu orgulho em chaga, enovelado como um trapo n'essas garras: o que eu agora queria, o que era urgente, era mostrar a essa aguia, a essa mãe, que o seu dolorosissimo terror, era uma apprehensão de louca, uma injustiça: o que eu agora queria de alma toda, era mostrar-lhe o coração dos homens, pr'a que ella o visse bem e tão patente, como se lhe pendesse a sangrar do bico curvo. Pr'a convencer daria tudo, tudo. Procurava um meio, sem achar. Sentia a inanidade das palavras. Com uma ideia subita fallei-lhe:

– Vou abrir-lhe a gaiola. Vae ser livre.

Era decerto o pasmo que a gelava porque não saíu da treva uma palavra. Eu continuei n'uma emoção crescente em que vibrava a ancia de a soltar:

– Vae ser livre, livre como outr'ora. Acorde as suas azas esquecidas. Diga adeus a essa gaiola immunda. Olhe mesmo d'ahi: que encanto de hora! A noite arqueia ao peso das estrellas... Uma palavra sua e abro-lhe a porta. Não duvide. Sou forte. E' n'um instante...

O seu recorte altivo d'aguia em bronze, amezendou: fosse fadiga ou tédio. E n'um bocejo vago, interrogou-me:

– Vae abrir-me a gaiola... mas p'ra quê?...

– P'ra quê?! P'ra que antes de morrer domine o espaço... P'ra sentir a vertigem do infinito...

– Eu?!... repetiu n'uma fleugma desdenhosa. Eu?!... Sahir d'este poleiro, da gaiola? Não sou doida varrida por emquanto. Sahir da minha casa, do conforto, p'rá incerteza da noite, p'ró misterio?... Sou uma aguia mas vivi entre homens. Já estou civilisada, meu senhor... E se o vento me arranca as azas velhas? E se chover, e se chover? Já pensou n'isso? Nem com as garras enluvadas eu me atrevo... Nem que me cubra as azas d'impermeaveis... Nem com um *water-proof*, nem assim...

A aguia ria, ria doidamente. Crispei as mãos nos arames, exasperado, e com uma voz enrouquecida fui dizendo, n'um tom de confissão, quasi febril:

– Imagina talvez que a não entendo, que sou um homem como os outros, imagina... É natural... é natural. Não me conhece... Mas eu quero dizer-lhe: oiça! oiça! Ha em mim um não sei quê d'aguia marinha. A sua sorte commove-me, acredite. Quero tambem dizer-lhe o meu segredo, quero desabafar, contar-lhe tudo...

Bateu as azas com um ruido secco, e n'um timbre fatidico de corvo, com uma voz de sybilla, crocitante, atirou-me estas palavras derradeiras:

– *É cedo, é cedo ainda. Imite os outros. Diga isso ao morrer ao travesseiro.*

Esse sarcasmo ultimo transiu-me; e como quem se agarra ainda á esperanza, puz-me a gritar p'r'á gaiola, tontamente:

– É o convívio dos homens que nos perde. O seu destino é irmão do meu, escute...
Queria ser forte e bello, queria...

Fallei, fallei, fallei... Não sei que disse. Sandices e chimeras e desejos, larvas d'ideias, raivas, desesperos. Parei por fim. Já nem lhe via os olhos: Decerto cerrára as palpebras com tédio. Só o vulto de sombra sobre a sombra, se alongara mais, estava maior. Ouvi então uma sineta banalissima, a pôr-me fóra seccamente: era já tarde. Olhei ainda a gaiola, despedi-me, atirei-lhe p'ra lá um «adeus» surdo. Ao passar na jaula do leopardo, senti um cheiro mau a carne pôdre. Vi-lhe o vulto enigmatico d'esfinge, a cabeça nas patas dianteiras, os olhos d'ouro fulvo fuzilando. Se aquelle me fallasse, o que diria!... Atravessei o parque

silencioso, como n'uma ballada, com terror.
Vi nas acacias os pavões adormecidos, olhei
o ceu filtrado por folhagens onde um langor
d'outomno s'esfolhava, e á sahida já p'ra
me calmar, molhei as mãos febris n'uma
das taças e passei-as nas fontes consolado.

Achei-me emfim na rua, longe d'ella.

Um rapaz namorava mesmo em frente, a
patrulha descia compassada, disse-me adeus
um côco conhecido: dobrava a esquina um
electrico apinhado. Tinha ainda no ouvido a
voz da aguia, quando sahiu d'uma janella
aberta uma aria roufenha de phonographo.
Communiquei feliz com a vida réles.
Depois d'isto, é evidente, não posso mais
fallar-lhe. Ainda bem! Levava-me ao
suicidio essa aguia velha.

O PRECOCE

A JOÃO DE BARROS

O PRECOCE

Desde que o Emilio estava doente, todos os dias, ao anoitecer, se reuniam no seu quarto e assim ficavam algumas horas, n'uma intimidade meiga, como se d'essa cabeça de precoce, ungida de socego, dos seus olhos de adivinho, d'um velludo grande e calmo, se exhalasse paz, uma paz clara, em que tudo se perdoasse e se esquecesse.

Tinham já logares marcados. A mãe á cabeceira, logo ao pé a tia Olivia, p'ra contar historias; os outros em redor, e aos pés da cama, em frente ao doentinho, o busto

nobre do tio Eduardo, já grisalho, a sua mascara fina e um pouco vaga, como a de todos os que vivem no silencio como outr'ora se vivia n'um convento. O pequenino era assim uma figurinha de mytho familiar e nas suas palavras lentas, d'intuição e de caricia, todos se ouviam como o mar nas conchas. Tinha uma voz de sombra amiga. Adoravam-no. Mas agora, martyrisado de dôres, a consumir-se dia a dia, as mãositas transparentes, entravam no terror de o vêr peor. E se um movel estalava, um farrapo de luar batia os vidros, ou ao cahir da noite, a sombra vinha, – tremiam no silencio, tinham medo, como se disfarçadamente a Morte entrasse, viesse de mansinho p'ra gelal-o.

Ás vezes, nas pausas d'algum conto ou da conversa, se alguém se voltava, logo os outros inquietos o seguiam; e era vulgar olharem a porta de soslaio, como se esperassem alguém, uma visita...

Todos fallavam em surdina, velando a voz um pouco oppressa, e assim as coisas mais banaes tinham um não sei quê d'estranho; as palavras cahiam como folhas seccas e nos olhos de todos havia uma expressão de adeus. Nem todos, nem todos! A mãe radiava fé. Bastava vê-lhe as mãos correndo a dobra do lençol, de veias altas, entumescidas de ternura, e poisarem n'uma geada de beijos nas mãos do seu filhinho, para sentir a emoção louca, religiosa, tendo resurreições em cada gesto, sarando n'um olhar, n'uma oração. É que essa creança era

a sua propria alma, presa n'aquelle leito como um passarito enfermo, abrindo p'ra ella olhos enormes, como p'ra decorar bem, antes de partir; e dizendo de quando em quando: «mamã, minha mamã» n'um rumor d'aza cançada.

Era muito moreno, tinha a testa alta, um pouco bombeada, bocca de labios finos, mento curto, bosselado em covinhas, que a magreza já quasi que delira. Mesmo quando tinha saude, ria pouco; não sabia brincar e qualquer coisa, o mais simples aspecto, o distrahia, como n'uma visão inconsciente. Tinha um ar de quem se lembra. Uma só vez foi ao collegio. Voltou com febre, doente, a tremer todo, e quando o pae o interrogou, só pôde dizer «que não era nada, que não tinha nada». Mas á noite, quando a

mãe ia a deital-o, rompeu a beijar-lhe as mãos, n'um choro brusco, e mal pôde pedir entre soluços, de mãos postas, p'ra não voltar... p'ra não voltar mais ao collegio.

– Socega, meu filhinho. Quem te fez mal? Que te fizeram? Não voltas mais, não voltas mais. Que te fizeram?...

– Vi bater n'um menino.

E outra vez o choro o suffocou, em bagas grossas, torcendo o seu corpinho d'arbusto á ventania. N'essa noite teve febre, delirou, e os paes resolveram que tão cedo não voltava. Pediu então á mãe que o ensinasse. Ao cahir das tardes, com a costura no regaço, ella dava-lhe lição e em pouco tempo, por entre confidencias que eram beijos, elle aprendeu maravilhado a lêr. O seu amor cresceu ainda, como regado de

gratidão. Dizia «mamã» como quem reza. Adorava-a. Nas tardes de sol, os irmãos brincavam no quintal; chamavam-no, e como elle era o mais pequeno faziam-lhe mimos, n'uma grande ternura protectora. Elle não ia, desculpava-se. Preferia ficar junto d'ella, na varanda de pedra, a vê-la bordar.

– Não queres brincar, Milinho? Vae, vae brincar com os manos.

Elle erguia os seus olhos de velludo:

– Deixe-me estar ao pé de si, mamã. Não ha nada tão bom p'ra mim.

Raro sahiam. A's vezes, com a mãe, ia ás tardes á Foz p'ra ver o mar. Voltavam ao anoitecer. Fallavam pouco.

– Gostas do mar, Milinho?

– Muito, mamã, muito. E’ a coisa mais linda que ha.

Foi ao voltar d’um passeio assim, n’uma tarde de novembro, que o pequenino teve tosse e cuspiu sangue.

– Que te doe? Doe-te o peito?

– Pouco, mamã. Não se afflija. Não ha-de ser nada.

O medico veio, aconselhou cautella, receitou. Teve depois com o pae uma conferencia larga. E foi então que o terror abriu sobre ella, as azas concavas, geladas. Não podia dormir. Levantava-se a cada instante, p’ra ver se estava bem coberto, se tomara o remedio, p’ra sentil-o. A tosse d’elle feria-lhe tambem o peito; transia-a toda, como um dobre. Vestia-se á tôa, sem cuidado. Tudo o mais lhe era indifferente.

Marido, os outros filhos, familia, governo da casa, visitas, os outros... que lhe importavam agora, se o seu filhinho estava mal? E extenuada, adormecia ás tardes á cabeceira do doentinho, que a olhava a sorrir, muito feliz, como se fosse um ser de conto preso n'um lindo encantamento. Pouco a pouco, apesar de ninguem o achar melhor, foi-se esvaindo o terror d'ella, e uma grande loucura, a loucura divina da esperança, galvanisou-a de coragem, deu-lhe fé. Amava-o com toda a carne e toda a alma.

O casamento tinha sido p'rá sua indole delicada de romantica, uma decepção dolorosissima a que pouco a pouco se adaptara. Não teve crises, não soffreu violentamente. Foi um esperecer lento da illusão; todo o

seu sentimento que morria como uma planta á sêde; e ella curvara a cabeça, aceitava a vi-da que lhe davam, com uma resignação de fraca que se esquece. Teve dois filhos.Creou-os. E uma paz de maternidade um pouco animal, foi-a calmando; o seu passado de sonho estava longe, nas aguas mortas da memoria; e ia vivendo assim, anestesiada, sem os sobressaltos de nervos de outros tempos, uma vida normal e clara, no seu lar, entre os seus. Era uma renuncia sem tortura, inconsciente.

Passaram alguns annos, uniformes, que só a doença d'um filho ou do marido vinham alvoroçar de longe a longe, e que por fim se sumiam na memoria, na mesma cinza neutra, pardamente. Vivia como se fosse a propria sombra. Já não esperava ter

mais filhos. Quando soube que ia ser mãe ainda uma vez, teve a emoção maior da sua vida. Certo, ella foi sempre boa mãe: amava os seus dois filhos muito e muito. Mas agora era differente, era outra coisa. O que viria era mais, bem mais que os outros: era o filho d'ella e do seu *sonho*... Resuscitou em si mesma: renasceu. O seu sangue rezava nas arterias promessas que antes não lhe ouvira, e começou a parecer-lhe que esse filho era a compensação que Deus lhe dava, quasi um milagre, a flôr inesperada em que o seu sonho redivivo iria abrir.

A sua vida banal, desencantada, murchando dia a dia, sem interesse, n'um automatismo frio e resignado, fôra uma provação, tinha passado: e os seus nervos de hystérica, despertos, com todo o amor que a

vida suffocara, calcado em resignação, morrendo á sêde, renasciam a vibrar d'esperança, davam-lhe uma beatitude transcendente.

O seu filho (estava certa que era um filho) seria um pequenino abençoado, com um destino que só ella e Deus sabiam, e no primeiro olhar que elle lhe desse, presentiria um evangelho novo como um beijo a correr-lhe toda a alma... Tudo mudou na vida d'ella, tudo. Mal fallava aos filhos, ao marido, que interpretava a estranheza dos seus modos como a mudança de character, os caprichos que muitas mulheres tem n'aquelle estado. Se a olhavam insistentemente ou lhe faziam perguntas, allusões, isolava-se, desaparecia de repente, como alguém que vive p'ra um segredo e receia que os outros lh'o desvendem. Parecia mais alta, elan-

guescida, com grandes olhos sempre a olhar p'ra dentro, como teem certas aves e os marmores.

Em solteira, nunca fez confidencias ás amigas. Tecia a sua teia no mysterio. Todos lhe achavam qualquer coisa de dormente: não comprehendiam bem o seu character. Mas como era modesta e era boa, esquecida si mesma e sem vaidades, deixavam-na viver no seu silencio como um nelumbo de pureza á flor d'um lago. Mesmo no seu isolamento da provincia, onde vivera com os paes até casar, lia pouco e sempre os mesmos livros: vidas de santas, lendas de conventos. Exaltava-se com elles, tinha fé em qualquer coisa que Deus lhe reservava. Durante os serões lentos, costurando, scismava que nascera para

freira. Toda a sua energia, a sua força, abraçava o seu sonho, era interior: e quando batiam á porta da sua alma ella sahia distrahida, resignada, a obedecer aos seus passivamente. Esperava comtudo *um não sei quê*. O Destino dissera-lhe um segredo. E sem contar a ninguem o que pensava, vivia como urna eleita: estava á espera... Os seus vinte annos em flôr eram p'ra elle.

Foi debruçada a esta ogiva de mysterio, que a vieram chamar para a casarem. Depois a decepção, o soffrimento: mais tarde a renuncia, a anesthesia na somnolencia banal dos seus cuidados.

Apesar de não casarem por amor, outra qualquer no seu logar, era feliz. Elle era forte, delicado e bom. A sua vida de engenheiro absorvia-o. Quando viu que aquella

rapariga, que conhecera na provincia vaga e meiga, continuava nos seus braços abstrahida, com um olhar desencantado e quasi triste, comprehendeu que fizera mal em ir buscal-a como quem colhe um lindo fructo: erguendo o braço. Tentou então insinuar-se pouco a pouco, interessal-a nas suas coisas, divertil-a. Por fim resignou-se, desistiu. Como não era um sentimental, um romanesco, e a sua profissão o apaixonava, contentou-se em ter n'ella uma amizade, um ser de lealdade e de doçura, desdenhando theatros e convívios pela paz transparente do seu lar, e vivendo p'ra elle, para os filhos, e para aquella vida inviolada que desfocava os seus olhos n'outros ceus... Como porém tudo mudára agora!

Dia a dia, a exaltação d'ella ia crescendo. Uma noite mesmo teve febre, e o medico lembrou que p'rá calmar, era melhor uma mudança d'ares, uma temporada na aldeia ou á beira-mar. Partiu então p'ró Minho, para a quinta, e como nem o marido nem os filhos podiam n'esse tempo acompanhá-la, levou consigo apenas as creadas, dizendo que preferia ficar só na grande paz do campo, a socegar.

Era na Paschoa. N'essa resurreição da primavera, ao abrir a janella do seu quarto, aspirou no perfume dos lilazes a esperança que subia com as seivas, vibrando já nas azas migradoras e no póllen que doirava o ar.

Enternecia-a tudo: as relvas novas, vêr os rebanhos beberar ás tardes quando os

montes violaceos se concentram, os passaros felizes no pomar, e á hora das regas, ao crepusculo, a alegria das agoas borbulhantes, quando as estrellas vem, tudo descança, pelos atalhos vão chiando carros, e nos paúes, pobres poetas lyricos, os sapos piam commovidamente. Nunca sentira tanto a natureza.

E foi n'esta atmosphaera de pomar que ella esperou mysticamente a hora suprema, querendo soffrer, feliz, extasiada, como uma nuvem alta da manhã que o sol rompesse p'ra descer aos homens...

Davam Trindades. A tia Olivia contára um lindo conto. Ao sahir dos palacios de feeria por onde a voz d'ella o ia levando, o Emilio ficava a olhar as joias, os anneis, as

pedras preciosas esparsas na sua mesa de doente e luzindo em sortilegio, na penumbra. Eram olhos de fadas, encantados...

Não tiveram remedio senão dar-lh'os: por quanto tempo, meu Deus, por quanto tempo?... P'ró distrahir, ha dias, o tio Eduardo tirou os anneis e deu-lh'os, e como o viram ficar muito contente, os outros deram-lhe tambem os que traziam. Mas quando iam n'essa noite a despedir-se, elle ficou tão triste ao entregal-os, que o tio Eduardo propoz que lh'os deixassem e todos immediatamente consentiram.

Fica com elles Milinho, guarda-os, guarda-os.

– Mas não são meus, não quero... Assim, não quero...

– São todos teus, são todos teus, meu filho.

Então em roda todos confirmaram a mentira d'amor que o alegrava.

D'ahi por diante, sempre áquella hora, vivia n'um delirio de grandezas. Mas n'esta tarde, ou porque o conto mais o impressionasse ou porque estava mais fraco e com mais febre, a excitação do Emilio era maior. Os seus olhos de mago muito abertos, dois velludos de febre ainda mais negros, magoavam-se fitando as pedrarias, esse baile de côres e de reflexos que pareciam mais vivos na penumbra, e como se a febre d'elle os contagiasse, tinham fulgurações d'um brilho agudo. Abria, abria os olhos fascinado.

– Que lindo mamã, veja que lindo!

Toda a sua carita consumida desaparecia no clarão dos olhos, mais pretos que azas d'andorinhas, ao tremerem no ar em despedida. Outro sino mais longe deu Trindades, n'uma voz de prata e de fadiga, como se lhe custasse a vibrar até ao quarto. Todos estavam oprimidos, sem fallar. E elle erguendo os braços de repente, deixou-os ir cahindo sobre as joias, cobriu-as com as palmas das mãosinhas, puxando-as contra o peito avaramente:

– São todas minhas, não é? São todas minhas ...

– Todas, Milinho, disse a mãe transida.

Vergou-se então sobre ellas com esforço, como se fosse p'rás beijar, branco de cera, e repetiu ainda extasiado :

– É lindo, lindo... lindo. Não dou nenhuma a ninguém. São todas minhas.

Espalhou-as um pouco sobre a mesa, poz de parte os aneis, ficou a olhal-os, e sorrindo á ideia que tivera, disse baixinho:

– Vou pôl-os nos meus dedos.

Começou a enfia-los com cuidado nos dedinhas ossudos, só phalanges, mas deixava-os cahir a cada instante, largos demais, em fugas de reflexos. Já ia na terceira tentativa, n'um desespero mudo, a arfar cansado, quando o tio Eduardo e a mãe o ajudaram. Levantaram-lhe as mãos quentes de febre, e enfiaram-lhe os aneis nos dedos osseos, que elle ergueu quanto pôde, deslumbrado.

– Mamã! Estavam a dar Trindades. Vou rezar uma ave-maria, vou rezar.

Na penumbra da alcôva, de mãos postas, escorrendo em reflexos irisados, a sua vozinha disse a ave-maria n'um timbre muito fino de carícia, como um adeus que punha os olhos razos, n'um velludo expirante de palavras, d'esses que tem no outomno, a horas mortas, certas folhas d'arbusto a despedir-se. Nem o tio Eduardo se conteve. Brilhavam-lhe já lágrimas nos olhos. Ninguem tinha coragem p'ra fallar.

A lua que agora vinha muito cedo, batia na varanda, brancacenta. Elle tirou os aneis devagarinho, como um ser de conto, a sorrir sempre, e deitou-se p'ra baixo fatigado.

– Dê-me as suas mãos, mamã, quero sentil-as.

E ficou a beijar-lh'as muito calmo. No enleio d'uma emoção religiosa, todos queriam quebrar esse silencio, feito de sonho e d'apprehensões de morte que avançava talvez na luz do luar. Foi o tio Eduardo que fallou:

– Esteve hoje um dia lindo, quasi quente. Temos á porta a primavera. Dentro em pouco, Milinho, estás mais forte; já podes dar á tarde o teu passeio.

– Logo que possa, mamã, vou vêr o mar. Comsigo, sim?

– Se Deus quizer, meu filho, havemos d'ir. E ainda antes, has-de ir para o quintal brincar com os manos. Sabes que a *tua* arvore, a magnolia, já está cheia de flôres muito brancas?

– Ó mamã, mamã, deixe-m'a vêr, – pediu elle erguendo a cabeça de repente.

– Mas vaes apanhar frio, meu filhinho. Amanhã, amanhã, agora não.

Tanto insistiu, que o levaram ao collo até á janella, embrulhado em cobertores, muito contente, e ficou assim alguns instantes, a carinha collada contra os vidros, no deslumbramento da magnolia, da *sua* arvore, erguendo o tronco negro e livido de lua, e nos ramos implorantes e afilados, as flôres mais brancas que ha na terra.

Deitaram-no. Deviam ser nove horas, pouco mais. E como sempre, levantaram-se todos p'ra partir. Cada um então foi dar-lhe um beijo, e ao apertarem-lhe as mãos – adeus Milinho! – elle olhou-os d'esta vez mais devagar, com um olhar que nunca

mais lhe viram, em longes de meiguice, d'outro mundo, numa nevoa de lagrimas contentes. E sorria ao dizer:

– Adeus, adeus. Tio Eduardo, tia Olivia, adeus, adeus...

Essa creança assim, a despedir-se, com uma voz perlada de caricia, encheu-os de afflicção e de terror; e foi mordendo os soluços, suffocados, que sahiram da alcova, que partiram, ouvindo dentro d'elles o crocito – nunca mais! para sempre! *never more!* – d'esse corvo fatidico, de lutos, que Poë revelou em versos tragicos. Qualquer coisa de lindo ia morrer. Qualquer coisa de lindo ia morrer...

No entanto na alcova, o pequenino, alongava os bracitos para a mãe e dizia feliz, como em segredo:

– Que bom, mamã! Que bom estar só consigo! Sente-se aqui depressa, mais pertinho...

– Aqui me tens, Milinho, aqui me tens.
E beijava-o na testa longamente.

– Como eu gosto de si, minha mamã!
Quem me déra viver sempre ao pé de si!

– Deus ha-de-te sarar. Verás, verás...

– Bem sei que lhe faz pena, não se afflija:
qualquer dia, mamã, eu vou partir...

– Nem digas isso, meu amor, nem digas isso.

– Vou-me embora, vou, p’ra muito longe... Não faço falta a ninguém. Ficam-lhe os manos. Só lhe deixo a si muitas saudades...

– Se tu gostas de mim, não digas isso.

Elle tornou mais lento, resignado:

– Por sua causa, mamã, queria viver ainda que fosse assim... sempre doente, sem sahir do quarto, ao pé de si, mamã, ao pé de si...

– Agora precisas de dormir, de descansar. Fecha os olhos, Milinho, dorme, dorme...

– Então dê-me as suas mãos. Quero dormir com as minhas mãos nas suas.

Dentro em pouco, serenamente, adormeceu. Ella tirou as mãos devagarinho, aconchegou-lhe a roupa contra os hombros e afastando-lhe dos olhos o cabelo, deu-lhe um beijo na testa, muito leve.

Já o luar escorria pelos vidros em lagrimas d’opala e de mercurio. A noite vinha vêr o seu filhinho e enche-la d’esperança e

de coragem. Como o pae disse recolher mais tarde (uma entrevista no *club* p'ra negocios) mandou deitar as creadas, ficou só: esperal-o-ia ali, junto ao seu filho. Como dormia bem, tão socegado! Deus era bom, havia de salva1-o. E n'uma exaltação, quasi feliz, encostou-se á vidraça a olhar a noite. A magnolia ao luar estava divina. Se o pequenino a visse, o pobresinho! Como elle gostava das arvores, do mar! Não se lembrava de ter visto um luar assim. Fazia-lhe tão bem: calmava-a toda. Via ao longe no rio, as mastreações, e distinguia as vergas, o velame, a luz dos estaes á pôpa, nictitando. Villa-Nova, a casaria, os arvoredos, subiam do outro lado empoalhados, e a nevoa que se erguera pouco a pouco, era já na collina ao

luaceiro, uma via-lactea nova, avoejante, salpicada de luzes, muitas luzes, como se Deus atirasse com amor, ás mãos-cheias d'estrellas sobre a terra. Toda a móle granitica da Sé, galvanisada a lua, se animára: corria luar nas veias d'essas pedras, morenas do sol de tantos seculos, e toda a cathedral se etherisava como se as gárgulas aladas das cimalthas accordassem p'ra tentar um vôo ultimo. A casaria mesmo, estava absorta. Que lindo, meu Deus, como era lindo! Elfos de lua, gnomos, rondas fluidas, andavam no ar com o póllen dos jardins, e as rosas de tocar por sobre o muro, fechando todo o quintal em trepadeiras, tinham nuances de syncope, esmaiadas. A paisagem era um sonho deslumbrado, n'uma assumpção p'ra Deus,

erguendo os caules, e os troncos, as torres das igrejas, e os olhos das janellas: de mãos postas. Deus fundira-se em lua, andava esparso, como um philtro de sonho, transcendente, propiciando, amando, perdoando. Bem certo: o seu filhinho sararia. E n'essa maré-cheia de luar, no encantamento sortilego da noite, a esperança subia a allucinal-a despertando o sonho mystico d'outr'ora. Aquella figurinha não mentia: os seus olhos de mago eram propheticos. As suas mãos tocando adivinhavam, como n'aquella noite, ha já tres mezes, em que uniu sob a benção dos seus olhos, as mãos do tio Eduardo e da tia Olivia, no silencio que em roda se fizera. Assim os dois souberam que se amavam e ficaram a olhar o pequenino como n'uma

liturgia nupcial... E não tinha sete annos ainda então! Mesmo a sua conversa perturbava, com inflexões de medium, reticentes, em que palavras de sempre, as mais communs, se engastavam em timbres de mysterio. Nascera para amar o seu filhinho. E tudo, a sua voz de concha meiga, a sua pallidez estiolada, os seus olhos d'oraculo – creança, diziam bem um ser predestinado, um guiador augusto de destinos, em cuja atmosphaera de carícia muita dôr havia de acalmar-se, como um perfume de rosa, a certas horas, nos beija com uma bocca de perdão.

Toda a vida do seu filho ia passando. Descahiam-lhe as palpebras, ao pezo das chymeras debruçadas. E de repente estremeceu gelada. Sentiu o luar nas mãos,

subiu-lhe aos seios... Se a beleza da noite, transparente, este aquario em que a lua abrira as veias e a vida da terra ia boiando n'um abandono de nympheia aberta, fosse afinal uma cilada d'*Ella*, um disfarce da Morte p'ra roubar-lh'o!?... Meu Deus, meu Deus! Era possivel que ella viesse assim, essa maldita, na feeria argentea d'essa noite, com a fouce escondida em musselinas, silenciaro carrasco sem memoria, correndo em passos d'extase e d'opala, e matando com um halito de gelo, n'um afflorar de plumas hesitantes junto do qual um beijo era grosseiro?... Um instante o terror allucinou-a. Não deixaria a lua entrar na alcova! Ia fechar as portadas e no escuro, colando o corpo contra o seu filhinho, estaria mais segura, a defendel-o. N'um

sobresalto, foi até junto d'elle, ficou queda. Que imensa paz n'essa carinha meiga! Poz-lhe a polpa dos dedos sobre a testa. Estava muito suado como sempre. Mas a sua respiração era tão calma e na concha das palpebras descidas havia uma doçura tão profunda, que se sentia bem que o seu anjinho estava a sonhar com as fadas d'algun conto, onde, como elle ás vezes lhe contava, a boa fada tinha a cara d'ella e olhava e beijava como ella. Tudo corria bem. P'ra que assustar-se? Os seus nervos, afinal, só os seus nervos! E ao voltar-se de novo para a noite, teve remorsos de ter medo d'ella, de ter desconfiado loucamente, que esse luar de perdão espargelado fosse um scenario infame de

traição contra aquella flôr – a pobresinha!
que era seu filho e Deus ia salvar.

Voltou p'ra junto da vidraça, ainda trémula, a socegar n'esse esplendor silente. O luar avançava sempre e sempre. Já lhe doirava agora os olhos razos, o cabelo, a testa, o corpo todo. E com uma ideia subita rezou. Não podia dizer a quem rezava, se rezava a Deus ou ao luar. Mas Deus era o luar, era o luar... E agora estava certa, estava certa de que elle vinha p'ra curar o seu filhinho e envolvel-o todo p'ra saral-o, como um beijo de Deus a essa creança.

Poz-se em bicos de pés o mais que pôde e com um gesto feliz, mysterioso, corria os cortinados de mansinho, p'ra que elle chegasse mais depressa junto ao leito, a sorrir e a chorar, toda contente. Elle vinha,

elle entrava sempre e sempre. Estendia-lhe as mãos como a chamal-o, as suas mãos de mãe, de veias altas, que um diluvio d'amor intumescera. Já despertava os moveis, seus amigos, a que ella queria como a confidentes. E doida de feliz, quasi riu alto ao vêr-se no espelho enluzado. Dizia-lhe baixinho: «entra, entra...» Já a cadeira de braços estava empoada e a trama florida do tapete resuscitava em gammas somnolentas. Se até vitalisava as coisas mortas! Era Deus, era Deus este luar... E que socego agora, que socego!... Até a bica do tanque se calára. Havia uma atmospha de milagre, o seu sonho de mystica era certo. Os seus presentimentos não mentiram. Era um destino sagrado, o pequenino. Por isso Deus descera no luar: era elle, era elle, estava

ali... Isto era bem verdade, era a verdade. Mas então o seu filho estava salvo! E desatou a rir perdidamente, n'um timbre d'hysteria muito secco. De repente lembrou-se: o luar era Deus: não devia pisal-o, era um peccado... Fugiu então pr'a zona ainda escura, olhou o pequenino adormecido. Pareceu-lhe que sorria extasiado. Sentiu uma alegria semi-louca, um excesso d'esperança a suffocal-a. Por fim ajoelhou-se junto ao leito, chamando-o com as mãos, lavada em lagrimas; mas rindo sempre, sempre, a segredar-lhe: «Entra, entra, entra...» Elle vinha, elle vinha, muito fluido, de cada vez mais branco, mais divino. Debruçou-se então, beijou-lhe a orla. Ergueu-se a radiar, transfigurada, com os olhos hystericos mais vitreos e um riso

em aro, descobrindo os dentes, n'uma beatitude arripiada. Foi esperar o luar do outro lado, as mãos nas grades da cama, á cabeceira. Elle dormia sempre, o pequenino, uma mão escondida no pescoço, a outra sobre a dobra do lençol. Curvou-se para ver onde o luar vinha. Mal conteve um grito de ventura. Tocava os pés da cama: ia subir!... «Sóbe, sóbe, sóbe» ia dizendo. O seu pobre coração endoudecera: despedaçava-lhe o peito de feliz. Premiu as fontes com as mãos: «lá vem, lá vem. Bemdito seja Deus, sempre bemdito». Havia um clarão no *couvre-pieds* agora. Uma larga lagrima redonda foi lá rolar como uma grande perola. N'esse instante ouviu como um gemido. O pequenino mexia-se, accordava. Levou as mãos ao peito, despertou. Mal se

viu o velludo dos seus olhos... Quiz erguer a cabeça, descahiu-a. A mãe vergou-se sobre elle: «meu filhinho», poz-lhe as mãos em caricia sobre as fontes que um suor muito frio perolava, e ia beijal-o quando ouviu tres vezes, como um fio de voz, já muito longe: «mamã, mamã, mamã...» E fechou p'ra sempre os seus olhos febris de genio triste depois d'essa palavra suprema que era toda a sua fé.

O luar chegára emfim á cabeceira!

Só quando elle esfriou sob os seus beijos, só quando viu os braços que lhe erguera para que Deus o visse de mãos postas, implorando-lhe vida, o pequenino! – recahirem inertes sobre a roupa, comprehendeu o crime, o crime immenso.

– Vinha no luar a Morte... no luar...

Voltou-se então n'um desespero ultimo, pr'ó expulsar, pr'ó pisar sob os seus pés; depois reanimaria o seu filhinho; dar-lhe-ia a beber todo o seu sangue. Mas ficou paralytica d'assombro. O luar alagara todo o quarto: agua lustral de lua, alma de lua, no chão, no ar, em toda a parte... O seu sangue gelava-se nas veias. Não podia lutar, era impossível. Elle invadira a alcova, asphixiara-a. Estava tudo perdido, tudo, tudo... Abriu os braços, hirta, inteiriçada, e cahiu ao desamparo, sem sentidos.

O HOMEM DAS FONTES

A JUSTINO DE MONTALVÃO

O HOMEM DAS FONTES

Chama-se Harry Young o homem das fontes. Vi-o a primeira vez em Granada no Paseo de los tristes, ao pé d'uma fonte arabe já morta. É um rapaz alto, d'um loiro muito claro, maneiras simples que revelam raça, olhos de nevoa calmos e abstractos, e uma voz estranha, monocórdia, ou p'ra dizer melhor, uma voz d'agua. Nasceu em Londres. É rico. Sem familia e sem lar, vive

em perpetua viagem. Encontrei-o em Roma, em Constantinopla, em Florença e, detalhe que me feriu intensamente, desenhando, escrevendo ou só olhando, sempre junto a uma fonte, concentrado, como se fosse a caricatura fabulosa que o encantamento d'uma nympha ali prendesse.

Harry Young chegou a obsidiar-me. Nunca porém pensei em ir fallar-lhe, recorrendo ao impudor tradicional que se tolera sempre aos que viajam.

Uma manhã em Florença, tive quasi a impressão de que era um louco. Cedo ainda, seriam cinco horas da manhã, fui p'rá piazza della Signoria encher-me de sadismo esthesiante a olhar na Logia o Perseu de Benevenuto. Tem, como sabem por centenas de gravuras, uma fonte desenhada

por Vasári á sombra ameiada do Palazzo Vecchio. Cahia uma luz melodiosa. Harry desenhava, um caderno d'apontamentos na mão fina. Um esboço da fonte, era evidente.

Áquella hora só havia pombas no silencio irreal da praça. Discretamente, puz-me a olhar tambem a fonte. Ao centro, o Neptuno de marmore é boçal; há uma ronda de nymphas alongadas n'um bronze de *patine* quasi azul; os cavallos marinhos saltam na agua e os tritões que cercam toda a taça tem a alegria de quem vive na agua, uma beatitude cynica e animal, espirrando das mascararas de bronze por fossetas de rizo, boccas ébrias, em *verve* muscular, em gestos vivos. Os dorsos luziam d'agua esparrinhada, e d'estatua pr'a estatua voavam pombas fazendo em roda aquelle

adagio d'azas que á pôpa dos navios, no mar alto, riscam os vôos curvos das gaiivotas. Não podia saborear aquella paz com um desejo unico a morder-me: vêr o que Harry Young desenhava.

Elle fixava a fonte alguns instantes e antes de transcrever o que colhera, quedava ainda immovel, recolhido n'uma aura d'emoção mais do que esthetica, que me parecia absurda, incompativel com um esboço n'um album de viagem. Ao lado, em frente á estatua de Cosme de Médicis, creados somnolentos iam dispondo as mesas nas *terrasses*. Já havia dois cafés abertos onde gente apressada ia beber. Harry, que continuou alheiado ainda algum tempo, foi por fim sentar-se a uma *terrasse* e bebendo um copo de leite lentamente,

tinha o album aberto sobre a mesa dando os ultimos retoques ao desenho.

Quem era esta creatura que só o encanto das fontes interessava e que em Florença, como em Granada, como em Cordova, nunca vi n'um museu ou n'uma igreja, como se só o granito ou o marmore das fontes tivessem para os seus olhos esthesia? Que sensibilidade aberrante, que destino fadára p'r'ó convivio enigmatico, p'r'ó segredo embalador das fontes, este rapaz que não tinha ainda trinta annos, era decerto rico, bem nascido, e nem via mulheres nem paisagens, absorto n'este claro mysticismo?

Sentei-me n'uma mesa perto d'elle e pude vêr á vontade o seu desenho. Nem um traço da fonte n'essa pagina onde bem claro, escripto a grandes lettras, sob um

desenho singular de mulher nua, eu li: *Fonte Adamanti, em Florença*. O quê?! A fonte concebida por Vasári era p'ra Harry Young aquelle corpo?... E buscando a relação possível com essa fonte mythica e ingenua, onde em torno a um Neptuno gigantesco farandolam nymphas e tritões, ou fosse sugestão da sympathia que desde que vira Harry eu senti, ou porque de facto ella fosse um claro symbolo, pareceu-me que essa fórma musical, esse corpo de oceanide surpresa esperando o tritão que a possuiria, era a synthese poetica, flagrante, da fonte que Vasári imaginou. Corria o risco de me tornar suspeito na ancia de vêr melhor, de analysar. Harry ergueu-se. Vi-o seguir pela galeria degli Uffizii e desaparecer ao fundo, lentamente, p'ra

esse cenário onde se evoca Dante, feito de lindas pontes habitadas, da esculptura nobre das collinas e das aguas do Arno romanescas.

Dias depois voltei p'ra Roma onde encontrára Harry mezes antes.

Muitas vezes me lembrava d'elle, eu que tambem adoro as fontes, com uma sympathia persistente, cumplice. Por esse tempo ia eu ás noites degustar o rascante trágico da solidão na Piazza del Popolo, estirado no largo rebordo d'alabastro da fonte, fronteira ao Pincio, impregnando-me d'essa alma sem memoria, d'essa chronica Augusta de silencio, que é em Roma a atmospheria de magia, das praças sem ninguem, com vozes d'agua. Ficava assim horas n'uma tristeza quasi sensual, com

uma especie de delirio de grandezas que me permittia dialogar com Roma, calmar a minha incerteza de falhado na belleza sobrenatural da grande morta e fundir com o d'ella o meu destino com o d'um heroe n'um poema antigo.

P'ra sentir esta luxuria psychica é preciso ter vivido muito ou ter a velhice precoce dos artistas, que em plena força e plena mocidade, agarrando pelos cabellos a alegria, entristecem ao beijar-lhe os olhos. Era aquella em Roma, *a minha hora mais silenciosa.*

Ao centro da praça os quatro leões golfavam agua, guardando o obelisco egypcio n'uma vigilia d'esfinges, sempiterna. Em Roma, á noite, vivem-se horas de convento. É a cidade suprema p'ra

viver com um sonho ou com uma ideia, velada por formas millenarias que recebem exames de consciencia. Notei um vulto esguio, á quarta ou quinta noite, sentado aos pés do obelisco, n'um degrau. Estava na sombra e, nem eu sei porquê, pensei em Harry. Dentro em pouco, na embriaguez d'essa auto suggestão, nem já admittia duvidas: era Harry, era o *homem das fontes* que ali estava. E como uma raiz fende um granito, brotou da minha solidão de quatro mezes, viajando sem soffrer um só convivio, um desejo furioso de fallar-lhe.

O lyrismo immemorial d'esse silencio levava me p'ra aquella creatura que uma especie de loucura poetica installára de vez no meu espirito, como p'ra um ser affim, um quasi irmão.

Pareceu-me que elle mesmo se movera, olhára na minha direcção, como esperando. E n'essa hypertensão de nervos que dá aos imaginativos o silencio, o convívio calado e fascinante com as creaturas brancas dos museus, o meu desejo de fallar com Harry attingiu a plenitude, exasperou-se. Levantei-me. Sem me atrever a caminhar p'ra elle, fui-me timidamente approximando: dei a volta ao obelisco devagar e parei com ar distrahido junto de Harry, como se olhasse um dos leões golfando agua. Fiquei assim nervosamente alguns segundos.

Quando por fim o olhei, vi n'essa mascara glabra de tritão um desejo de me fallar igual ao meu. Não posso repetir o que lhe disse, as primeiras palavras que trocamos. Alludimos aos nossos multiplos

encontros, em Hespanha, na Italia, na Turquia, por uma coincidência bem estranha, sempre junto de fontes...

Ninguém passava. Ouvia-se o vento a arrastar no Pincio folhas seccas. Lembrei-lhe a manhã em Florença, na Piazza della Signoria, o desenho da fonte de Vasári que eu vira na *terrasse* por traz d'elle. Harry calava-se surprehendido. Perguntei-lhe se viajava como artista, p'ra pintar.

– Não sou pintor. Gosto muito das fontes, perdidamente. São o grande interesse da minha vida...

Disse-me então o seu amor ás fontes, baixando um pouco a voz, quasi em segredo. Era orphão. Nunca quiz conviver com os seus parentes, onde por razões que depois soube, só encontrou um acolhimento

frio, como se fosse um estranho, sem ternura. Tinha uns nervos doentios que o isolavam. Dos seus tempos de collegio não guardava saudades mas só odios, á grosseria vulgar dos camaradas, á promiscuidade forçada e torturante p'ra uma sensibilidade como a sua. Logo que chegou á maioridade, rico e só, foi visitar nos arredores de Londres o castello em que seus paes viveram. Correu o parque, as salas, as estufas. Viu ainda o seu berço, os seus brinquedos, onde um pó sem saudade ia cahindo, como sobre coisas velhas n'um muzeu. Passou no quarto de sua mãe algumas horas... Sentiu uma tristeza immensa em que tudo lhe parecia hostile: os moveis, o ar, um cheiro a morte, até os olhos fitos dos retratos... O seu primeiro

desejo de homem livre fôra essa visita com que tanta vez sonhára, e sahia de lá desamparado, com uma especie de desespero inerte que toda a casa lhe contagiára: a velhice das coisas sem belleza onde viveu alguem que nos foi querido e que perdem com a côr toda a memoria. Esses muros sem alma angustiavam-no. Já atravessava o parque p'ra sahir quando ouviu a chamal-o uma voz d'agua. Era ali perto e pareceu-lhe bem distante, vinda da sua infancia já tão longe. Emfim alguem amigo, acolhedor! Foi p'ra ella como iria p'ra sua mãe resuscitada e ficou a ouvil-a até á noite. Abrira-a o jardineiro enquanto elle percorria as salas. Harry contou-me:

– Tive a visão d'um lar n'aquelle instante. Aquella pobre fonte sem belleza

consolou-me como uma mãe, beijou-me os olhos. Acarinhou-me como a irmã... que nunca tive, como a noiva que decerto, não terei... A sua agua encheu-me de saudades. E ao pensar nas salas que deixára, tudo me commoveu, ali, a ouvil-a: os olhos dos retratos já me olhavam... os tapetes, os moveis, as paredes, tinham linguagem agora: comprehendiam-me. As janellas á nevoa, eram olhos tão rasos como os meus. E como poisavam passaros na pedra, eu mesmo fui buscar pão p'ra lhes dar, espalhei muitas migalhas pela fonte... Senti a vida toda no meu peito. Vem d'essa hora o meu amor ás fontes.

Harry erguera-se. Seguimos pelo *Corso* lentamente. Pedi-lhe então que me

mostrasse os seus desenhos, os symbolos de fontes que creára.

– Só se quizer vir commigo ao meu hotel. Já tenho as malas feitas p’ra partir. Vou p’ra Veneza. Veneza é um hospital d’aguas... Faz-me triste.

O quarto de Harry, no hotel de Londres, piazza d’Espagnia, tinha entre duas janellas um piano. Estavam abertas á noite, que em Roma parece mais arqueada, como p’ra receber melhor as confidencias. A torre d’ella Trinitá del Monte deu onze horas. N’aquella paz não eramos só dois, porque subia da praça, propiciando, a voz da fonte de Bernin², la *Barcáccia*, a escoar-se sem

² É certamente gralha por “Bernini”.

jactos, brandamente. Harry accendeu as serpentinas sobre a meza. Vi então dois albuns grandes de viagem, e alguns pequenos, mais esguios.

Começamos a folhear n'um dos primeiros, a imaginosa notação das fontes arabes: de Cordova, de Granada *la vieja*, a terra andaluza de *mors-amor*. A fonte morta do Paseo de los Tristes, onde pela primeira vez eu vira Harry, era um cadaver d'almeia; e havia ainda outra de Granada, que eu toquei no jardim de Lindaraja, onde a princeza agarena vive ainda com uma côrte calada de cyprestes...

O desenho de Harry dava-me d'ella uma visão pathetica. Evocava-a nova, musical, n'esse jardim interior d'A'lhambra – jaula feerica da luxuria arabe, onde os corpos

morenos das almeias elanguesciam nos marmores dos pateos, e nas salas de joias lapidadas dormiam com os perfumes dos jardins as grandes séstas torridas, de cópula... Desenhára o mirador de Lindaraja, com as suas gelosias marchetadas que ella entreabria um pouco, debruçando-se, como p'ra ouvir melhor a voz da fonte. E a fonte fallava de desejo, porque ella tinha nos olhos, nos cabelos, na bocca a intumescer, nas linhas soffregas, a expressão d'uma corolla ao cahir do pollen... Dos desenhos que vi das fontes turcas, um entre todos me maravilhou: a do sultão Ahmed, em Stambul, no coração da praça do Serralho. É um lindo harem de grades redoiradas, arabescado d'oiro e lapislazzuli, de que a agua é sultana unica.

Harry representára Schéherezade, a novelleira das *Mil noites e uma noite*. Essa era bem um symbolo de fonte, que durante *mil noites e uma noite*, a contar historias sobre historias, adormeceu o kalifa que a matava se a sua voz lhe não fechasse os olhos... Foi um destino de fonte Schéherezade.

Havia fontes de parques e de claustros: a primeira era uma *Belle au bois dormant* que um pavão heraldico velava; e entre as imagens mysticas que vi, apenas lembro uma carmelitana, lendo sob uma ogiva, côr de cêra, decerto Santa Thereza, *Las Moradas*... A ultima, porém, a mais estranha, de não sei que villa romana ao abandono, era uma grande esfinge tumular com azas mortuarias de phalena. Recordo

ainda paginas isoladas: a fonte dos cavallos marinhos da villa Borghése era um Pégaso de crinas alagadas, uma cabeça de cavallo grego, d'esses que nos versos de Homero viviam irmãmente com os heroes. E não sei que fonte mythologica – uma estatua de Juno, serenissima, a cabeça nimbada de andorinhas.

O outro album era d'esboços – desenhos e *maquettes*, – toda uma architectura fragmentaria p'ra um palacio chymerico da agua, n'um poetico parque, inverosimil como o de Poë no *Dominio d'Arnheim*.

A maior parte dos desenhos eram vagos, dizendo a embryogenia d'esse templo que Harry erguia á Agua Padroeira, com beatitudes d'architecto mystico, em linhas-versiculos de sonho.

Perguntei-lhe se tencionava construí-lo.

Harry sorriu.

– Construí-lo e habitá-lo... Com *miss Fountain*... se a encontrar um dia.

O desenho mais minucioso era a fachada, feita de duas architecturas sobrepostas: uma estavel, de marmores rosados; outra movel, musica, espumante, de milhares de tranças d'agua d'essas fontes, cavadas em motivos decoraes no sonoro frontão religioso que viveria um dia tão beijado como as azas do mar no temporal.

É impossivel descrever-lhe as linhas como é impossivel descrever a Alhambra. A fachada de marmore era subsidiaria da segunda, a real, a liturgica, a *aquatica*; era o seu esqueleto quasi occulto, e por milhares de ranhuras invisiveis, de declives

mathematicamente calculados, por boccas
infectando em curvas graceis, por biliões de
crivos capillares d'onde cahiriam chorões
de prata fluida, destinada a dar vasão a essa
segunda, architectura symphonica, hymno
vivo, que o meu tritão exilado ia crear.

O marmore apparecia, sob a trama
architectural da agua golfante, como através
de rendas de Burano um collo ou uma nuca
de mulher, e intumescia ás vezes como um
seio no bojo d'uma amphora sveltissima ou
na esculptura d'uma planta d'agua.

Oh! que feliz a carne d'esse marmore,
escrava d'uma fluida architectura, cantada e
beijada todo o sempre! Jactos cruzavam-se
como na argentaria solar d'uma panoplia,
cahiam n'uma taça canellada, d'onde
escorriam mollemente, em lagrimas, p'ra

renascer vivendo n'outros sulcos, d'onde espirravam como flores se esfolham, em graças *platerescas* em sorrisos.

Contra o sol, as janellas, os balcões, tinham stores de longos fios d'agua, tamizando a luz p'ró interior em irisações phantasticas de nave. Mas, como Harry me fez logo notar, o seu projecto, perfeitamente realisavel, era um *ensaio d'architectura musical*. A eurythmia d'essas linhas d'agua, tantas volutas liquidas que eu via no amoroso desenho d'aquelle album, não tinham só um fim architectonico, antes eram a consequencia immediata, o instrumento de belleza necessario, p'rá opera da Agua revelada por um architecto-musico de genio. Mostrou-me então a *partitura* do

palacio. Sentou-se ao piano e tocou-me alguns motivos.

Como toda a gente no hotel dormia, executava em surdina, emocionado. Primeiro o *leit-motiv* da entrada, cantado no perystilo por tres fontes, com tres taças de prata cada uma. Era a ogiva elegantissima da entrada (duas curvas angulares d'agua jorrante em conchas d'alabastro quasi occultas) que acompanhava as tres vozes argentinas. Harry chamava-lhe: *o motivo de saudação*.

Depois tocou-me a symphonia da fachada. E foi então que ouvi a alma transcendente d'esse tritão-poeta desterrado! E Harry dizia, crispando as mãos n'uma impotencia de nervoso, que era impossivel mimar sobre um piano a fluidez

dyonisiaca das phrases. Os *graves* e os *agudos* conseguiam-se por diferenças de calibres, indo d'uma tenuidade capillar até aos cylindros de maior diametro, ás boccas, diverticulos ampolas, com reconcavos e inflexões previstas n'um duplo intuito ornamental e acustico.

A gamma das resonancias era immensa, indo dos accordes dos marmores e alabastros até aos timbres dos metaes mais ricos, dos bronzes, pratas fôscas, claros oiros, com espessuras varias nuançando, imbutidos nos marmores da fachada, enriquecida assim com côres de joia e os tons sobrenaturaes d'um orgão d'agua. Oh essa symphonia! Reouvil-a e, meu Deus! prazer supremo, ouvil-a e vêl-a, se um dia o templo da Agua fosse vida!

Tres melodias *fugadas* corriam a fachada sem cessar. A que vibrava ao centro, tinha timbres mais finos e mais altos, os jactos erguiam-se mais, implorativos, antes de recahirem em vertigem, nos dois fócios de resonancia decoral. Era uma prece indefinida e dava ao templo como uma aspiração d'agulhas gothicas, a expressão decantada, musical, que teem as mãos erguidas das ogivas. Harry chamava-lhe: *a ancia de ser nuvem*.

Os outros dois, visualmente, fundiam-se em sinuosidades expressivas, em caprichos de linhas reticentes, e fiando a mesma clara rêde, eram, musicalmente, bem diversos. Harry chamava-lhes: *a alegria de morrer sorrindo; a saudade dos rios, das nascentes*. E os tres deliam-se n'uma

polyphonia liquescente em *que a ancia de ser nuvem* tinha o pathetico d'umas mãos erguidas; *a alegria de morrer sorrindo* lembrava a vida e morte das espumas: *e a saudade dos rios, das nascentes*, nas conchas e reconcavos de marmore revestidos dos bronzes mais espessos, dizia em accordes quasi cávos o desespero da agua outr'ora livre, domada e orquestrada sabiamente: a nostalgia do coração das rochas vivas, dos açudes, dos campos cultivados que ella regava a chalar nos sulcos largos.

Nos tres lados restantes, a decoração musical era mais simples: balladas d'echos sem memoria instillando um esquecimento de magia. Inutil descrevel-as: impossivel. Ante o imprevisto d' esta architectura,

Harry compreendendo o meu espanto, mostrou-me em cadernos atulhados, a notação musical minuciosa, em que as vozes de milhares de fontes tinham sido por elle copiadas, e outras de ensaios que realisára até poder compôr a *partitura* d'esse palacio feerico da Agua.

O seu esforço agora, a sua obsessão de cada instante, era estudando a hydraulica e a acustica, chegar a harmonisar a architectura, que lhe parecia pouco bella ainda no marmore, com a belleza musical e plastica da architectura liquida exterior. Trabalhava com febre, dia e noite.

Mostrou-me ainda detalhes interiores. A *galeria da Meditação* tinha vitraes historiando os mythos da Agua: ao largo da laguna veneziana, o casamento do Doge

com o Adriatico na galera de sonho o *Bucentauro*: Ophelia louca, o cabelo como um chorão de fios d'ouro, apartando com mãos de prata fôscas os canaviaes orando á beira rio: sereias penteando-se ao luar com medusas nos seios gottejantes...

No chão de porphyro, um tapete esmaecido de reflexos. E nas paredes núas, como se pendurasse as telas d'algum mestre, Harry cavára duas fontes pequeninas, n'um tingling lacrimal, beijante, clepsydras a viver fóra do tempo... Ali iria meditar e lêr.

Era evidente porém que o seu palacio só podia existir no isolamento.

Disse-me então como teria de mural-o, defendendo-o do vento, concentrando-o. Além das grades balizando o parque, cinco

muros d'arvores concentricas, por ordem d'alturas decrescente: a grisalha colossal dos eucaliptus, o velludo dos cedros, choupos gothicos, cyprestes tulelares, e em vagas meigas, as cabelleiras soltas dos chorões... E seria n'um valle agasalhado.

Harry empallidecia d'emoção. Detestava viajar, o convivio forçado dos expressos, a promiscuidade dos hoteis, dos restaurantes. Só por as fontes se fizera vagabundo, para as vêr, p'r'ás ouvir assimilando-as, e poder executar um dia o seu palacio – synthese de todas.

O entusiasmo de Harry contagiou-me. É possiblel que amanhã não seja assim, que deste plano d'architectura musical que antevejo e anteoioço emocionado, no contagio febril que me vem de Harry, me

fique a ideia d'um projecto fruste, d'uma allucinação d'hyperacustico, com uma fórma de loucura poetica só como documento, interessante.

O templo da Agua é para a vida d'este sensitivo, sob uma fórma intima e discreta, a minuscula visão quasi infantil, a creancice lyrica encantada em que este poeta semi louco e ingenuo, tenta exprimir em linguagem d'arte, com a architectura e a musica por meios, tudo quanto na terra deslumbrou a sua alma de tritão exul.

Se amanhã analysar este projecto longe do seu contacto perturbante, talvez eu reconheça a inanidade de todo o seu amorosissimo trabalho, mas sempre com emoção hei-de admiral-o, porque teve uma paixão e se lhe entrega, sem nenhuma

restricção, de todo o corpo, e arde n'essa febre dia a dia, abandonando tudo, bello e rico, por uma vida nomade, de acaso, que o fará morrer ao desamparo no hotel d'alguma terra onde haja fontes, ainda fiel a essa visão de sempre, sorrindo ao seu palacio em cristaes múrmuros...

O palacio da Agua!... «Construil-o e habital-o com *miss Foutain* se a encontrar um dia...» Eu cuido ver essa belleza d'agua tal como vive nas pupillas de Harry. Tem uma voz d'agua, os olhos d'agua, uma alma d'agua, clara, imperturbada, e um desejo, um sensualismo d'agua, envolvente, fluido, esquecedor, como um nirvana d'agua inexgotavel.

Sem o fermento de nevrose que o desvaira, com faculdades creadoras

coordenadas, Harry seria talvez um grande musico, um encantador, um mystico dos sons, como fragmentariamente o revelaram as estranhas composições que agora ouvi. Ou, quem sabe! um architecto novo, musical pela assumção das linhas, sem recorrer, vesánico, chymerico, ás impossiveis symphonias da agua onde os seus olhos palidos, de nevoa, cuidaram descobrir todo o destino.

Ao ouvir-lhe a voz meiga, monocordia, já coméço aqui mesmo a duvidar, e penso no que seria o desespero, a irremissivel catastrophe d'este homem, sem familia, sem noiva, sem amigos, condemnado a um absoluto isolamento por uma sensibilidade hyperaguda, se viesse um dia a convencer-

se de que era uma loucura essa chymera onde fechou o futuro a sete chaves.

É certo, é natural que isso succeda. Que sabe elle de hydraulica, de acustica? Nem sequer tem uma educação profissional, e era forçoso, p'ra admittir como exequivel esse plano, que elle fosse um architecto extraordinario, um musico revelador de novos meios e um engenheiro unico, de genio.

E assim mesmo, pois que o drama musical de Wagner é na sua belleza de vertigem, a mais victoriosa das derrotas, condemnando pela voz d'esse homem-deus tentativas quaesquer de fusão d'artes, não era mais que certa, irrevocavel, a fallencia total do sonho de Harry?

Esse supremo aro d'unidade, fervorosa obsessão de todo o artista, é um prodígio *interior*, não se exteriorisa, e só com uma genialidade adivinhante, se realisa por um meio unico (litteratura, musica, pintura) a obra-prima contendo em potencial, englobando em suggestões latentes, dominios que pareciam d'outras artes.

Se ao menos pudesse conviver com elle e canalisar tão bellas qualidades p'ra qualquer coisa de viavel, de fecundo! Queria evitar que a sua vida se partisse como uma lufada de vento quebraria aquella architectura em pratas d'agua, como um systema arterial de sonho. Mas é esta a primeira noite que fallamos e é decerto a ultima tambem.

E depois, como poderia desvial-o, por que paixão substituir esta paixão, este culto

das fontes religioso?... Lembrei-me então do mar, todo o meu culto. E voltando á symphonia da fachada comecei a dizer que um dos motivos – *a alegria de morrer sorrindo* – me fizera ali na paz de Roma, uma saudade immensa do meu mar. Harry fixou-me. Parecia constrangido.

– Gosta muito do mar, não é verdade?

Harry calava-se, interdicto. Senti então entrar pelas janellas, como uma onda de silencio que arrolasse, a paz de Roma preñhe de memorias... A fonte de Bernin³ ouviu-se mais: dir-se-hia uma voz d’ama millenaria a acalentar phantasrnas com terror...

³ Deverá ser gralha por “Bernini”.

Ao ver Harry perplexo, hesitante, arrependia-me da pergunta que lhe fiz, mas elle viu com certeza nos meus olhos a minha curiosidade, a minha ancia. A sobre-excitação d'aquelle instante, até o facto de eu ser quasi um estranho a quem se faz mais facilmente confidencias do que mesmo a um amigo ou a um conhecido, forçaram-no a fallar, violentaram-no.

Respondeu-me com agitação, d'um modo brusco:

– O mar?!... Não posso supportal-o, odeio-o, porque foi elle que perdeu os meus... Compreendo-lhe a belleza que é divina, mas não o posso vêr, aterra-me, detesto-o...

Ainda hesitou. Depois, sem interrupção, *vivendo* as phrases:

– Meu pae que era um homem do povo, viveu doze annos com elle e adorava-o. Era piloto. Viajava p'r'ó Norte quasi sempre. Filho de marinheiros, tinha nas veias o amor do mar. Foi de volta da Islandia, a bordo do *Baltic*, que pela primeira vez viu minha mãe. Teria ella então dezesete annos.

Meu pae, ruivo e forte, tinha uma belleza viril, impressionante. Ella, já então orphã, viajava com meu tio, um velho estranho, que só as viajens por mar interessavam. Era bella (tirou uma photographia da carteira) immensamente bella, não é verdade?

Tinha uma indole exaltada, romanesca, que o habito de realisar todos os caprichos levou a um despotismo singular, de perversão nervosa, d'hysteria, e ao menor obstaculo, com accessos de choro e grandes

febres. Meu tio era o tutor, e longe de a reprimir, estimulava-a mais, lisongeando-a, com uma adoração de spleenético alcohólico por aquella andorinha semi-louca. Mesmo a bordo, quando começou a amar meu pae, ella ia fazer-lhe confidencias, contar-lhe os sobresaltos dos seus nervos e elle ouvia-a com uma indulgencia de ternura e talvez mesmo com uma ponta de sádismo. Mas não quero aborrecel-o com detalhes.

Contra a vontade de todos, apenas ajudados por meu tio, cujo spleen se comprazia n'este drama, os dois casaram, depois d'uma côrte romanesca que allucinára de paixão meu pae. Minha mãe teve uma exigencia unica, mas que era para elle a mais cruel: *abandonar a vida de bordo para sempre*. Estava tão doido, que a

aceitou sem compreender, palido como se lhe arrancassem toda a alma...

Na vespera do casamento, foi a bordo do *Baltic* despedir-se. Abraçou os companheiros um a um, e andou horas a bordo, como um naufrago, como um cão sem dono, os olhos razos, a dizer adeus ao seu navio. Toda essa noite passou-a a errar no porto. Ninguém diria que aquelle vagabundo, tinha uma noiva aristocrata, bella e rica, e ia casar já na manhã seguinte.

A caminho da igreja, sentia uma alegria lugubre, uma felicidade exasperada, como um travo de remorso do mar longe...

Depois veio a vertigem. Durante dois annos, esqueceu o mar, esqueceu tudo nos olhos verdes de minha mãe como n'um alcool. Viviam um do outro, sem convívio,

n'um castello dos arredores de Londres, que meu tio, ainda em vida, lhes doou. Havia no amor d'elle a minha mãe devoções de plebeu por um ser de raça, e o sensualismo d'um marinheiro, moço e forte, com longos periodos d'abstinencia no mar largo, por um corpo de pétala, serpentino, enlaçando com braços e perfumes...

No amor de minha mãe havia bastante de perversão hysterica. Sabia como elle evitava fallar do mar com uma especie de pudor religioso. Um dia mesmo elle pediu-lhe de joelhos, que não lhe lembrasse a promessa que fizera, que não falasse do mar deante d'elle. E a cada instante, em horas intimas, quando passeavam no parque, nas estufas, nas grandes noites d'invernica e chuva, ella alludia em phrases reticentes onde adejava o

espectro do mar longe. Tinha a volupia de o martyrisar. E quando o via bem amarfanhado, cahido como uma coisa ao desamparo, p'ra cima d'um estofo, a mascar raivas, erguia-se mais linda que um *tanagra* e ia beijar-lhe os olhos, dar-lhe a bocca, endoidecel-o d'amor e de luxuria.

E viviam assim mezes e mezes. Nem uma visita. Ninguem. Raro sahiam. A vida mundana não interessava minha mãe. Tinha-a vivido febrilmente e esgotou-a com uma precocidade de nervosa, que tudo interessa e aborrece em pouco tempo. Depois, ainda por orgulho. Tendo feito um casamento desigual, não queria humilhar meu pae nem humilhar-se.

Havia n'esta vida de desejo de dois seres tão differentes e isolados, qualquer coisa de

feroz, de criminoso. Dois instinctos presos por amor, na mesma jaula d'oiro, dia e noite... Enervavam-se um ao outro. Enlouqueciam-se.

Tenho em Londres uma photographia de minha mãe por esse tempo. Emmagrecera. Lembrava um ser pathetico de Shakespeare. O seu temperamento d'hysterica requintava, em perversões subtis, quasi em loucuras. Torturava meu pae continuamente, dando-lhe a visão do mar a cada instante, por suggestões que iam atormental-o, evitando comtudo fallar d'elle, com uma hypocrisia que era mais cruel do que seria uma allusão bem clara. Nas salas havia paysagens de mar por toda a parte... E por cima das mesas, dos sofás, como uma obsessão de crime, sempre e sempre, livros, romances e

gravuras, com narrações de mar, sempre com o mar...

Até as musicas que tocava ao piano. Dizia-lhe: anda «ouvir como isto é lindo!» E elle encostado ao piano, junto d'ella, via os *Lieder* de Schubert já abertos n'uma pagina marcada. E lia: *O mar!* ...

Depois que eu nasci, a nevrose de minha mãe, longe de se calmar na maternidade, exasperou-se. Os dias para os dois, eram enormes. Passavam horas junto do meu berço, inventando-me encantos, a adorar-me. E como me dizia a velha Jenny, por quem eu soube tudo o que lhe conto, dir-se-hia, n'aquella solidão envenenada, que cada vez se desejavam mais, se bebiam com olhos mais sedentos, com um amor que era uma especie d'odio.

Tudo isto passava-se sem gestos, sem levantarem a voz uma só vez.

A virilidade impulsiva de meu pae cahia dominada ao ouvir-lhe o andar. O ruge-ruge dos vestidos d'ella fazia-lhe um terror voluptuoso. Estirava-se aos pés d'ella muito tempo a beijar-lhe os sapatos, marasmado...

Os creados achavam-nos estranhos, cada vez mais palidos, mais magros. Elles mesmos presentiam – no silencio augural d'aquella casa onde os viam enlaçados, d'olhos loucos – qualquer coisa de trágico, de mau...

Meu pae que a bordo fôra sempre sobrio, bebia agora immenso, embebedava-se. Depois, com a ideia do mar cravada n'elle, ia esmoer essa obsessão, calado. Viam-no ás vezes fallar só, baixinho, escondido nas

salas afastadas, dizendo por entre dentes, suffocado, coisas de bordo, vozes de commando, com as mãos em porta-voz, olhando o tecto, como se fitasse os mastros, o velame...

Se alguém o via, disfarçava, com uma expressão de terror quasi idiota. Ia endoudecendo pouco a pouco.

Minha mãe sabia tudo, tudo. A pobre Jenny, sobresaltada, ia contar-lhe; pedia-lhes que se distrahissem, viajassem, que fizesse um esforço p'r'ó salvar. Ella porém só tinha curiosidade p'ra saber se meu pae bebia muito, se fallava só, o que dizia...

Ás vezes, vinham cartas dos camaradas, dos portos em que o *Baltic* tocava, fallando-lhe de bordo com saudades. Elle lia-as e relia-as muitas vezes. Trazia-as sempre

comsigo, decorava-as. Mas logo que minha mãe apparecia, mudava de figura, era já outro. O olhar babava adoração. E se um instante se abandonava nos seus braços, pegava n'ella ao collo como um doido, levava-a p'r'á alcova aos tropeções, sem se importar com os creados, com ninguem.

Afinal minha mãe gostava d'isto. Era ella que o enlouquecia pouco a pouco. Cada vez mais, sem fallar *d'elle*, a proposito das coisas mais triviaes, alludia ao mar, com pausas bruscas, em que os ouvidos d'elle, allucinados, ouviam o rumor, a voz do largo...

Evocado a todos os pretextos, por essa linda torsionaria hysterica, *elle* acabou por ser uma presença: o Espirito do Mar viveu com elles!... Eram tres agora no castello.

Passava o inverno com elles, a seu lado. Vivia nas marinhas das paredes, nos livros e no vento, nos ruidos... E mais e melhor: na alma d'elles...

Sós, á noite, a ouvir o vento, olhavam-se... E em ambas as boccas, bem cerradas, cada um lia: «Ouves o mar? É *elle...*» E depois de suspensos um instante p'r'ó sentirem correr-lhes a medula, afogavam-se nos braços um do outro, com uma furia sensual desesperada. Foi minha mãe que provocou tudo isto, e acabou por se enredar tambem, por acreditar como elle, contagiada. N'uma cama d'amor, dois amorosos, partilham as loucuras como os corpos...

O Espirito do Mar estava com elles. Ainda lhe não tinham pronunciado o nome,

mas calavam-se muitas vezes para ouvi-lo, conversavam sobre *elle* por olhares...

Uma noite d'inverno – ia a fazer tres annos que casaram – recebeu do Norte um telegramma.

Era d'um camarada intimo de bordo. Toda a tripulação o abraçava; mandavam-lhe do *Baltic* saudades... Pareceu-lhe então que o seu navio, o seu panno que tanta vez ferrára, vinha n'aquella noite de Janeiro, dizer-lhe o ultimo adeus da vida a bordo, das grandes rôtas pelos mares de nevoa, das veladas na ponte a todo o tempo, dos somnos bons depois no seu beliche, pequenino e estreito como um berço... Rolavam-lhe as lagrimas dos olhos.

A Jenny que andava inquieta e os vigiava, muita vez me contou essa noite ultima.

Chovia immenso. Ella mesma lhes serviu o chá. Meu pae, como de costume, bebeu *gin*. Mas n'essa noite foi brutal o que bebeu. Minha mãe, com uns olhos d'aura hysterica, dava-lhe as mãos a beijar, encorajava-o...

Já tarde, ergueram-se. Jenny foi ajudar a despir-se minha mãe. Elle seguiu devagar pelo corredor e abriu a janella toda á noite negra... Ficou assim algum tempo a olhar o vago, com a cabeça núa, á chuva e ao vento...

Depois, bruscamente, foi p'r'ó quarto. Com um tremor d'alcoolico nas mãos, foi a um armario de que nunca se servia, e começou a tirar roupas de bordo, atiradas ha

tres annos para ali como coisas inuteis para sempre. Põz-se então a vestil-as febrilmente: japona d'oleado, botas altas, na cabeça o suéste... Como a bordo. Viu-se ao espelho. E ia a sahir, quando voltou p'ra trás. Qualquer coisa lhe faltava. Procurou no armario, procurou... Era a faca de bordo, n'uma bainha de coiro já puido. Põl-a á cinta e partiu com um andar mais firme, resolutu, como se a bordo, fosse fazer um *quarto* em noite má.

Outra vez seguiu pelo corredor, até ao quarto de minha mãe que o esperava. Sem bater, entrou: parou a olhal-a. Tinha os cabellos desfeitos, muito branca, n'um *robe-de-chambre* que abriu ao vel-o entrar. E com o collo nú perdeu-se a rir...

«Vaes p'r'ó mar, meu amor? Deixas-me só?...»

P'r'ó mar! P'r'ó mar!... Pela primeira vez ha já tres annos, espantado de se ouvir, da sua voz, repetia o nome sortilego, supremo: «*P'r'ó mar!*» com uma inflexão pueril, quasi idiota.

A lenha crepitava no fogão. Ouvia-se chover cada vez mais. «Estás vestido p'r'a bordo... Estás já prompto...»

De subito, ella viu-o demudar-se. Com uma inflexão rouca, de bebedo, tornou: «Está mau... está mau... Está um temporal desfeito. Como querias tu que eu me vestisse?» Ella sentiu terror e aproximou-se. «Ouves a chuva?» dizia elle. «Ouves a noite?... Ouves?... Ih! Ih! Que vento! Que maldito!...» N'um lindo gesto metteu-se-lhe

nos braços, collando-se contra elle, abandonando-se. O *robe-de-chambre* descahia-lhe nos hombros. «O panno incha, o panno incha... Ferrar panno! gritou com voz de commando: Ferrar panno!» – Tomou-lhe o corpo nos braços enovelado. E Jenny que ao ouvir-lhe a voz correra, ouviu ainda aterrada: «Não aguenta o panno! Cortar cabos!...» Tirou a faca de bordo da cintura, prendeu a bainha nos dentes p'r'a arrancar, e cravou-lh'a no collo até á raiz. Era curva. Dir-se-hia que tinha a inflexão dos seios d'ella.

Harry contou-me ainda o processo, o julgamento, e como elle no tribunal accusou o Mar... A opinião dos medicos legistas, foi que elle estava doido irresponsavel. Apesar

d'isso porém, foi enforcado. A opinião pública, os jornaes, eram contra elle.

Harry estava livido.

– Comprehende agora porque odeio o mar.

SUZE

A PAULO OSORIO

SUZE

Oh! dolce,
della soglia del lupanare
mirar le vergini stelle!
– *La meretrice di Pirgo* –
GABRIELE D' ANNUNZIO.

Não posso dormir. Como ha mais de oito dias não recebi carta da Suze, e a minha

absurda vaidade se recusa a crer que ella me esqueça, ponho-me a pensar com uma perversidade triste, que tenho escripto loucuras a um cadaver.

Na ultima contava ella com uma coragem simples, como o mais futil incidente, que ia entrar p'ró hospital p'ra ser operada. Annunciava-me isto, entre um projecto de vestido *gris-taupe*, que iria bem á sua tinta de viciosa palida, e uma chuva de detalhes sobre a gata, a amar com romance e com luxuria um gato magro do terceiro andar.

Se tivesse sido operada e convalescesse, já decerto me teria mandado um telegramma.

É pois forçoso convencer-me que a minha pobre Suze – «era uma vez»...

Repito alto p'ra mim mesmo: está morta, está morta a Suze! Logo que o disse alto, todo o meu temperamento d'actor o acreditou, e em todo o meu ser, essa auto-sugestão resoou em dobres, agudamente, por essa rapariga de vinte e tres annos com quem vivi dois mezes.

A morta (é certo, é positivo que morreu) era alta e magra.

Aqui mesmo, no meu quarto, onde certa noite ella tomou chá entre os meus livros, a vejo atirar o chapéu de rendas caras, em que havia heraldicas tulipas, accender com um gesto fino um dos Laferme, correr a mão na testa com o gesto da Duse nas catastrophes supremas, e dar-me fumo e destino e sonho. Aqui mesmo.

N'aquelle espelho prolongou com um traço de crayon os olhos vagos, ali palpou as molas do divan, e no *toilette* atou horas depois, *in memoriam*, as fitas de seda azul que lhe prendiam a camiza nas espadoas..

(Mas assim, não consigo dizer o que ella foi. Preciso calmar a minha febre e começar pelo começo).

Vi-a a primeira vez este verão, no theatro, e logo a destaquei.

Os seus cabellos de creança scandinava, loiro cendrado e seda palha em que havia reflexos quasi brancos, tufavam na testa sob o chapéu preto, descahiam á esquerda, subiam á direita recortando a tempora em ogiva, inverosimeis como raios d'um sol de vicio, chimicos, absurdos... Só depois me convenci que eram autenticos.

Os olbos eram claros, cinzento d'agua em nevoa; a mascara alongava-se n'um focinhito somnambulo; nariz incorrecto, quasi grosseiro; bocca grande, acolhedora, de commissuras em pontos d'interrogação; e o mento perdia-se na nuvem de tulle d'um laço, esparso na gola impeccavel d'um *costume tailleur* azul.

Tinha muito da Sarah em nova: a cabeça d'uma madona *quatrocento* em que vivesse a alma de Montmartre.

Acompanhava-a outra que mal vi, fisdado pelo estranho do seu typo. Toda a noite, ferozmente, a encarcerei no meu binoculo e ella, exhibindo atitudes d'indifferença n'uma galeria intermina, nem sequer teve o ar de vêr-me.

Aborrecia-se com complacencia, olhando sem fitar, cumprindo com resignação esse destino de, sobre uma plateia do Porto, n'um barracão de *Folies Brégeiras*, esfolhar a caricia exangue e lambedora das suas mãos de raça.

No meu grupo faziam-se hypotheses. Cocotte? Cançonetista? Talvez seja essa que se estreia amanhã.

Todos a achavam immensamente estranha e alguma coisa feia.

Quando á sahida ella passou, compondo um ar abstracto e um passo ondeante de serpente-phantasma, excitado e burro, disse não sei que phrase escória e ouvi n'uma voz de seda que range, esta coisa justa: *imbécile!*

Deixei de ir ao theatro. Achei a vida toda tão imbecil como eu.

Até que uma manhã Just irrompe no meu quarto e preludia felicissimo: «Foste um doido em não apparecer». Contou então: o empresario F. apresentara-o, e como eram duas e eu continuava incognito, apresentou por sua vez o conde de C. que ao menos não se arranjava mal. – «A tua, a do conde, chama-se Suzanne. A outra, a minha é Gaby d'Anjou, é perfeita. Não sei se reparaste: um corpo grego. Ha uns poucos de dias que isto nem parece o Porto - ».

E partiu n'um turbilhão de *chance*, dizendo apenas quasi á porta, que a Suzanne era finissima, e se tolerava o conde é porque não via melhor, e porque, emfim, o Amieiro o não vestia mal.

Como mesmo escrevendo estou morto por chegar ao quarto d'ella, direi já que almoçamos a sós, dias depois, e nem sei mesmo se comi, porque estendia as mãos em concha aos seus pés magros, p'ros sentir crispar-se com luxuria ao ranger da sêda em folha secca...

Foi rapido e simples. O meu amigo apresentou-me: o conde é lorpa, eu sou fino, ella é fina e... *voilà!*

Aqui começa a feitiçaria, o encantamento em que essa serpentina bruxa me colheu, polarizando o meu desejo pr'ó seu corpo elastico e felino, como se as suas mãos de pianista me corressem na medula, e os seus olhos de nevoa me perdessem em hypnose.

De corpo e espirito era flexivel como uma chamma ao vento.

Horas e horas, com febre, com riso, com desespero, vasculho na memória, recomponho o complexo encanto d'essa rapariga que sabia de cór toda a *Comedia Humana*; tinha um vicio pessoal, erudito, archi-subtil; cynicamente ingenua, ingenuamente cynica; amoral e heroica, e que caminhava p'r'ó seu leito de *cocotte* com o ar redolente de Desdemona na *canção do salgueiro*...

Oh! A sua *canção do salgueiro*, musica e versos de Bruant, como eu a trauteio ainda exasperado:

Les ch'veux frisés,
Les seins blasés,
Les reins brisés,
Les pieds usés.

Pierreuses,
Trotteuses,
A's marchent l'soir
Quand il fait noir
Sur le trottoir.

Os cabelos impossiveis, abusivos, excessivos, cahiam-lhe nos hombros; a *robe empire* era ampla e branca, as mangas vibravam em azas de seraphim profissiona... Era uma aparição de lenda rociada d'agua Lubin – orvalho caro...

Quando depois mais de perto a detalhei, achei-lhe um não sei quê de transido, de parado, especie de kakemono, especie de bébé enorme, enigmatico, afflictivo, como só um caricaturista-poeta crearia, n'um

instante d'emoção e febre, de chymera e riso. Pobre Suze!

Era palida, palida, no seu roupão de noite, sem as rosas do *maquillage* que ella tão subtilmente esmaecia. Pobre Suze!

Nenhum pintor portuguez desde o Grão-Vasco, teve como tu uma esthesia d'arte, nem como tu transfigurou uma mascara de gesso patinada a lua, n'uma obra-prima irradiante.

Tu que eu agora vejo como um marmore de desgraça, arripiado, vestido á tôa, sem *maillot* de seda, sobre uma mesa miserrima de *morgue*; tu que tens já talvez no ventre aberto o esverdear levissimo com que a Morte agora te maquilha; tu que depois de tanto te venderes, cada vez eras mais *tu* e mais perfeita, – ninguem irá junto do teu

cadaver, pôr-te o collar da Ordem do Desprezo que na vida te deu belleza e estylo. Foste um genio incomprehendido, Suze. É o unico ponto de contacto que tiveste com dezenas d'idiotas que eu admiro.

Mas não é isto o que me afflige, pois sei bem que se da Morte me ouvisses e se da Morte me fallasses, mais uma vez me dirias a tua grande phrase, a phrase-medalhão, a phrase-refrem, que tão syntheticamente define a tua graça, o teu *genio*, o teu vicio, o teu desdem:

– *Tu sais, ça, c'est un detail.*

P'rá Suze, tudo na vida era um *detalhe*.

Ella que se deu a saborear a tantos homens, duvido bem que conhecesse um *ensaiista*, espirito de synthese, á Carlyle,

que enquanto eu n'esta noite d'insomnia a recomponho, com uma saudade sem esperança, friamente medite um grosso tomo, que deveria assim chamar-se: – *A philosophia de Suze* (livro posthumo).

E em sub-titulo, d'um chic transcendente: – *ensaio sobre a supra-mulher*. Dir-se-hia no futuro: – *isso é um detalhe*, como outr'ora se disse: – *penso, logo existo*, como hoje se diz: – *o homem é uma ponte p'r'ó Sobrehumano*.

Se Eça de Queiroz fosse ainda vivo, eu que nunca o conheci, havia de apresentar-lhe a sua Suze, e juro, juro, que a acharia bem mais subtil, bem mais complexa e humanamente fascinante, que o seu extraordinario figurino – Carlos Fradique, dandy e epistolographo.

Fialho, mais feliz, pôde fallar-lhe, viu-lhe gestos que valiam maximas, e ouviu-lhe memorias e anedoctas bem mais significativas parabolos. Mas por mais que ininsistentemente lh'o pedisse, nunca escreveu sobre ella: recusou-se.

Não posso eu, como quem empalha uma aza, amortallar o genio da Suze em phrases sabias, articular-lhe em systema as formas typicas, erguer emfim essa architectura metaphysica, que ficaria na nevoa das edades, como um pharol p'ra sempre...

Não, não posso. Sinto ainda correr-me o corpo todo, em ondas lentas, o affago dos seus cabellos, dos seus dedos, que eram vivos, enervantes como lingoas...

E não é assim, a arder em desejo posthumo, que eu posso lançal-a á

posteridade... De resto, Suze, que era p'ra ti a posteridade? Um *detalhe*, um *detalhe* apenas...

Mas quero afirmar que n'essa phrase - que nem sequer p'ra muitos que a beijaram, foi mais que uma ironia sem estylo – se condensa o stoicismo, o galbo heroico, que fez d'esta parisiense tão estranha na sua vida de *cocotte* nobilissima, uma neta espiritual de Marco Aurelio.

Foi nobre e foi cocotte. Não estranhem.

Viver, p'ra uma mulher, na sociedade de hoje, é quasi sempre prostituir-se. Mesmo as que casam, e que casando amavam os maridos, quantas vezes não soffrem sem desejo, um cio incontinente, n'uma humilhação de prostitutas, até que toda a

emoção se lhes estanque e o habito lhes embote o corpo e o espirito?...

Depois da primeira phase, em que a sêde d'amor lhes doira a vida, quantas não reconhecem no convivio que o seu idolo moral é um canalha, e que o amoroso é só o macho sordido, sem delicadeza, sem ternura – contundente, ferocissimo, legal...

As outras, são apenas femeas brucas presas á canga do lar animalmente, ou semi-loucas resignadas que um catholicismo castrador perdeu, ou indoles lunares d'amorasas esperecendo de martyrio e tedio. E consciente ou inconscientemente, todas vão afinal prostituir-se. Só a *moeda* differe: nada mais.

Mas se viver, p'ra uma mulher, é quasi sempre prostituir-se, não o é menos afinal p'ra um homem.

Prostituir-se é deformar ou annullar mesmo, o que em nós ha d'individual e caracterisante, pela necessidade de captar alguém, patrão ou mestre, rico ou superior hierarchico, e até mesmo o pobre que nos dá a illusão de sermos bons e a consideração hypocrita dos outros.

Cada um de nós, ao entrar na aula ou na officina, no escriptorio ou na repartição, no salão ou na taverna, é postigo, é convencional, é um *outro*; a principio confrangidamente, através de mil torturas, depois inconscientemente: mechanizado, deformado, quinquilharia andante e cerebro de lixos, contribuindo assim para esse ideal

que nos empala, e os moralistas chamam – solidariedade humana.

Era facil mostrar como violentando o temperamento, esta prostituição se repercute até nos gestos, na nossa maneira de andar e de vestir. E isto em todas as classes, porque ninguem é sufficientemente forte p'ra se bastar a si mesmo; todos precisam da consideração dos outros, da opinião publica, e vão vivendo sob a garra do preconceito, que os desengonça e deforma, que os rachitisa e annulla como os saltimbancos ás creanças.

Quantos resistem integros ao regimen penitenciario que é a vida de hoje em sociedade? Alguns pelo isolamento; – bem poucos dos que ficam.

Não riam portanto ao ouvir que a Suze, que a minha pobre Suze, foi nobre e foi cocotte. Cocotte, sim. Como nós todos. Porque, em summa, eu sou cocotte, tu és cocotte, elle é cocotte...

Que horas serão? Deve ser quasi madrugada.

Eu bem queria n'estas palavras de febre, silhuetar a Suze, ter um pouco de methodo, monographal-a. Mas não posso, não posso.

Tenho aqui na minha mesa de trabalho o seu retrato, e nem sei como tenho coragem p'ra escrever, como posso desviar os olhos da nevoa abysmal dos seus, que me transem d'irremediavel e me enlouquecem de desejo. Desejo absurdo, que o impossivel hyperesthesia, e me impregnou cellula a cellula...

Sinto no corpo todo a carícia opiada dos seus dedos, a sua carne sortilega, embruxada; a sua pelle affim da minha, e que com ella dialogava em silencio nas horas d'esgotamento, rememorando sensações agudas, fulgurantes...

Vejo-a, vejo-a!

Passa a theoria das nossas noites (em que os seus tics profissionaes me confrangiam) e ella era sempre d'uma envolvencia fluida, d'uma esthesia d'actriz inconsciente, uma viciosa triste, insaciada, e uma boa e uma pobre rapariga.

De começo podiam julgal-a artificial, tão estylisada era a sua graça, tanto o seu requinte parecia consciente e erudito, trahindo-se em tudo: no andar elastico, no dandysmo sobrio, e até no ruge-ruge da sua

voz d'alcova e confidencia. Mas não: viam-na mal. Ella era assim sem esforço, naturalmente: ella nascera uma obra d'arte. E todo o meu trabalho d'esta noite me parece o d'um doido que quizesse com poeira reconstruir uma obra prima...

Muitas vezes já, alludi ao seu cynismo. Mas entendam-me: cynismo, disse-o o forçado genial de Reading – é a coragem de dizer as coisas como são e não como deviam ser. E a Suze era assim, quando fallava a alguém que a comprehendia.

Esses porém, eram raros, muito raros. Com uma intuição divinatoria, balzaquiana, a Suze adivinhava ás primeiras palavras o seu *caso*, lisongeava-lhe instinctos, e assim durante o dia, era conforme o macho em

catechése, canalha ou ducal, obscena ou protocolar.

Um d'elles, com quem viveu muito tempo, não via na Suze um animal de vicio em quintessencia, e, estúpido, não lhe sentia a graça esparrinhando genio: era apenas sentimental e jogador.

Outra qualquer, para o prender, faria comedias romanticas e decerto orientaria o seu commercio por esse fundo fadista e namorisquento. A Suze não. Parecia-lhe demasiado réles, insupportavelmente folhetim. E foi por o jogo que o laçou.

Pouco a pouco, por sugestões dominadoras, foi-o convencendo de que ganhava sempre quando cedia passivamente aos seus caprichos, quando lhe dava mais vestidos, mais dinheiro: e em pouco tempo,

ella era p'ra esse jogador supersticioso, um icone sagrado, tutelar, – Nossa Senhora da Sorte ao seu alcance...

Dominava-o por completo. Se o trahia, explicava-lhe com um ar vago e superior... que era para lhe dar *chance*; e todas as noites, o desgraçado vinha implorar da Suze, aninhada n'um divan, com um pequenino ar de sybilla delphica, um pouco de sorte por amor de Deus!...

Teve este espectaculo hyper-dantesco: os Poderes Constituidos – em cuécas!... Ella os viu, aos redemptores da patria: viu como era piloso o sacro onde teem o fogo os oradores: foi caloteada por economistas: soffreu contra a pelle fina a camisola de flanella dos guerreiros. Mas o que mais

magooou o seu desprezo foi a seccura e a egolatria dos artistas.

P'ra todos a sua arte era perfeita, radiando illusão, hypnotisando.

Mais flexivel que as nuvens são p'ró vento, o seu proteismo theatral de prostituta mimava a cada um o seu *ideal*...

Ah! Mas como ella ficava, a minha Suze, a sua fadiga nervosa anniquilante, o seu immenso tedio neurasthenico, querendo desertar de si, da sua alma e da sua pelle enojada, para sempre!...

E cahida n'um estofo, amarfanhada, era ás vezes triste como uma coisa morta, como uma aza ferida n'algum charco... Curtia assim comsigo mesma horas de miseria moral e d'exaspero, sem uma queixa, sem uma lagrima, n'um orgulho de sósinha,

d'onde só resumava o soffrimento, n'um gesto, n'um olhar, n'uma ironia.

Uma manhã em Lisboa, acabavamos d'almoçar no nosso quarto, com a janella aberta p'ra Avenida.

Ella fumava um Laferme, devagar, no prazer subtil de soprar nuvens. E de repente, como a uma lembrança subita, disse-me isto baixinho, n'um tom que nunca esquecerei:

– Tu sabes: não gosto de fallar da minha vida. Nunca me queixei. Se agora te fallo, é porque é pr'a dizer bem... N'este horror, tenho tido dias d'uma volupia immensa. Nem sei como te diga. Começo por me sentir doente, exasperada, sem poder mais... Elles vêm (*) e eu penso que vou morrer de nojo. Vem um, vêm (*) muitos... vêm (*) todos... Então, não sei porquê, sinto um

bem-estar, um gozo doido; acho prazer a que me humilhem; parece-me que nasci pr'a isto, que não ha destino melhor... e gózo... gózo ...

Depois, n'um riso secco:

– Sinto a volupia d'um christão ás feras...

Parou. Eu recebi n'um beijo o fumo do Laferme, e a Suze concluiu:

– Que importa isto! É um *detalhe*... As outras, as vulgares, bestialisavam-se; passada a crise horrivel de adaptação, vendiam beijos, como um mercieiro vende arroz, um advogado eloquencia ou um diplomata uma colonia. A Suze não: era esculpada em lava: era *alguem*. Prostituta ou esposa,

(*) Possível gralha, deverá ser “vêm”

seria sempre infeliz, seria sempre *ella*, seria sempre só. Pobre Suze!

Alma apollinea, foi esbofeteada por fadistas que teem o nome em chronicas heroicas; soffreu-lhes em noites d'orgia besta, o suor e o vomito; e com uma clarividencia trágica, presentiu muita vez os haustos da manhã subindo, a olhar com a pelle arrepiada a mascara boçal d'algun cliente.

Teve amantes ricos, equipagens, e as suas melhores horas eram quando sósinha, abandonada a si mesma, ouvia n'uma noite d'inverno como uma confidencia, o crepitar da lenha n'um fogão...

Teve paixões sensuaes que a torturaram, foi roubada impunemente muitas vezes, e

uma noite em Moscou – caíha neve – velando uma companheira moribunda, sem nada p'ra empenhar e sem recursos, foi pôr no prego, joia grotesquíssima! – a própria dentadura da doente que, Deus louvado, era montada em oiro... Assim puderam comer aquella noite.

É d'estoírar a rir – não lhes parece?... Sabia de cór toda a *Comedia Humana*: viveu toda a comedia humana. Pobre Suze!

Tu ao menos, não precisaste de ser louca p'ra seres santa: ergueste-te sempre corajosa e simples, sem um abatimento ou uma queixa; e através d'insultos e torpezas, conservaste puríssima, apollinea, uma alma aberta ao sol como uma rosa!

Quantas vezes calçada de verniz tiveste fome, e com teu passo elastico d'espectro, nem um só Cyreneu topaste que ao estender-te a mão te não pedisse gozo...

Tu, Suze, sabias bem toda a piedade humana e como ella é antes... e depois. Se algum principe Nekhuladoff tentasse redimir-te, como a tua pallidez riria d'alto ao pobre mystico, a elle que te fallava de perdão e arrependimento, quando os teus olhos de nevoa viam claro, com um determinismo lucido, fatal, que a tua vida era assim, irremediavel, e nem tinhas odios nem sede de justiça, pois bem sabias que é inutil tel-a pr'a morrer á sede...

Conheceste principes, é certo, mas nem um mystico: só mais ou menos imbecis...

Porisso não tiveste gritos, não te estorceste: nem sei mesmo se choraste.

Posta em theatro, não farias uivar as galerias n'essa parodia de circo tão grotesca que é um quinto acto p'ra burguezes e povinho; eras *p'ros raros apenas* como o mattoidismo poetico da minha terra. Na tua voz de folha secca, dizias de todo o teu calvario apenas isto: *é um detalhe...*

Mas para mim, Suze, o teu corpo serpentino que ora começa a decompor-se, o teu génio a fagulhar n'um incêndio múrmuro d'elytros e, sobretudo, o supremo encanto da tua dôr heroica, sem desfallencias e sem queixas, para sempre ficarão no meu espirito, como qualquer coisa de bello, de perfeito, pois que correste os bastidores da vida, todo o egoismo, toda

a lama, toda a infamia, em victima serena –
tão serena como essas que na Grecia, iam
hirtas de dôr entre columnas ...

E amaste sempre o sol! E amaste sempre
o sol!

Deixa-me lembrar-te: é a ultima carta que
te escrevo. D'esta vez serei sincero, porque
estás morta, porque a não lerás...

Espera!... As nossas tardes no Rio Doce,
em Leça... Os olhos dos mortos ainda
reflectem, ainda *vêem*... Pudesse eu ir
arrancar-t'os, trazel-os nas mãos com
cautella como dois passaros mortos, e dar-
lhes ainda a beber, pobresinhos! – sol, mar,
areias ruivas, aguas correntes...

Pudesse eu beijar-te os olhos mortos!

Chamava-se *Sol* o nosso barco. Eu levava-o á vara, lentamente. Tiravas o chapéu, estendias-te á pôpa e nem fallavas. De quando em quando, ia collar á tua a minha bocca: beijava-te as palpebras de manso.

Parava sob um chorão, á sombra dos seus cabellos verdes. Cingia-te. Poisava a cabeça nos teus seios que eram lindos, tersos como de virgem. Todo o teu corpo desfallecia, se humilhava no teu vestido de sêda crua como o d'uma creança adormecida... E era então que eu sentia, que eu palpava, que eu vivia a vida divina do silencio.

Era mais vago o marulhar da ramaria e fazia mais silencio, como faz mais silencio, á noite, o accorde das ondas n'uma praia...

Sentia-se cahir silencio como se sente cahir nevoa.

As nossas boccas collavam-se n'um beijo humido, calado, d'uma volupia tristissima, confrangida. Era como uma despedida sem palavras, muito lenta, de dois suicidas...

Eu não te via os olhos mas adivinhava-os: estavam maiores, mais nevoentos, como janellas deitando p'ró silencio que se cavava em torno, fazendo leito ao nosso pensamento pelo espaço...

E confusamente sentiamos, que o tempo passava, passava sempre entre os nossos corpos enlaçados...

Por fim – era á bocca da noite – voltavamos.

Devagarinho, dizias tu, devagarinho...

Eu ia levando o *Sol* na agua mortuaria, e á nossa passagem, partiam sempre, iam partindo, passaros mal adormecidos nos salgueiraes das margens, reflectiam-se no rio em fugas d'azas, e era tudo mais triste como se esse vôo fosse o adeus de tudo...

Quantas vezes te olhei com os olhos razos! Disfarçava, não queria nunca que m'os visses. E de repente, apertava-te os braços, sacudia-te p'ra me aturdir, p'ra espancar a emoção que me afogava n'uma maré de lagrimas reprezas.

Queria gritar, queria chamar-te meu amor e... odiava-te. Queria beijar-te as mãos, vestir-te de meiguice, e dizer-te a ancia, o sonho doido de viver contigo sem palavras – como as estatuas dos tumulos nas cryptas...

Queria bater-te, cuspir-te, demolir-te, como faz um tufão a uma árvore sósinha, e a puxar-te os cabelos de criança, ir gritando, gritando sempre: prostituta... prostituta... Hoje tenho remorsos. Mas tu comprehendes, tu bem sabes: era quasi loucura.

Não podia perdoar á tua graça ter-se deixado polluir, não podia perdoar ao teu genio a tua derrota, não podia perdoar-te, Suze, que fosses victima...

Ah! ter piedade, ter piedade... Mas isso é pouco, muito pouco: é um sentimento consolador só para eunucos. E eu queria amar-te ao sol, Suze, olhando as arvores irmãmente, todo o nosso desejo a escorrer luz...

A noite vinha. Seguíamos enlaçados e eu cançava-me no esforço immenso de te não magoar... Tu bem sabias, tu bem sabias... Segundo a segundo, o meu martyrio pesava o tempo como se uns ponteiros de relógio me ferissem os nervos... Tu bem sabias. Tanto sabias, que porfim me beijavas na testa, quasi maternal, e a tua voz de folha secca rangia este refrem d'outomno: «Isso passa. É um instante, *é um detalhe*».

Minha pobre Suze, como tu eras justa, como tu adivinhavas, bruxa de vinte annos, p'ralém da hora que passa o nada que virá.

A tua desgraça era suprema, porque tu eras *aquella que não se illude nunca*.

Ainda assim, penso commigo: quem sabe! quem sabe! Se ella me visse como eu sou, se eu não fosse com ella sempre actor,

se eu não fosse o sêr falso, o clown sceptico, mascarrando com riso o sentimento; se eu não me amordaçasse a cada instante, e tivesse podido ser eu mesmo... Se visses, Suze, a creatura que eu escondo; se soubesses que afinal eu sou bem simples e como eu amo a vida toda de mãos postas...

Se em vez de analysar, eu me entregasse; se eu esquecesse os livros e as outros e te fallasse tão naturalmente como o meu sangue falla nas arterias... Quem sabe!... Talvez, Suze, se eu fosse o que não viste, o que te falla agora... Porque eu lembro-me, eu lembro-me. Duas horas houve que nós vivemos um no outro, fóra do espaço, fora do tempo... Tu bem sabes, tu lembras-te. Era madrugada. Estavamos deitados.

Todo o meu ser vivia de ti, morria em ti.
O nosso desejo ardera, estava morto. Que
fadiga a nossa, que fadiga!...

A rua despertava, ouviam-se pregões, o
sol luzia nas frinchas: eu tinha a cabeça
contra o teu peito, perdidamente, como
contra a esperança, como contra o futuro...

Embebia-me em ti, aspirava o teu corpo,
a tua carne, a sua tristeza imensa, a sua
saudade de tudo o que não teve, de tudo o
que não foi... e juro – que em nenhum
jardim, em nenhuma aurora, uma flôr com
orvalho me ungiu assim de sonho, me fez
assim vibrar no impossível d'um amor
perfeito.

Levantamo-nos, saímos e logo a rua, os
outros, a vida dos outros, se apossou de
mim, me perverteu, me obrigou a mentir, a

torcer-me... e eu ri, eu ri imbecilmente, de nós, da nossa vida, e d'essas horas em que auscultei contra o teu peito – o impossível d'um sonho sempre erguido!...

Pois se esta noite mesmo, ao começar a escrever, ao pensar em ti – na tua morte, Suze! – eu fui palhaço, eu quebrei em esgares a emoção e mimei um ar gelado, ironico, impassivel, quando queria chorar perdidamente, quando queria beijar os pés ao teu cadaver... É que tinha medo, um medo horrivel de que os outros me vissem, porque p'ra elles é uma torpeza amar-te assim...

Eu podia dormir contigo, dar-te dinheiro... só não podia amar-te. P'ra todos os crimes ha uma indulgencia feita de

cumplicidade, menos p'ra um crime assim: não tem remissão: é immoral e é grotesco.

É preciso que a dôr me abale todo, me fite bem de frente, e me hypnotise o seu olhar de chamma, p'ra eu poder dizer como te amava, como te amo.

Perdoa, perdoa. Aqui me tens aos pés do teu cadaver.

Toda a vida morreu p'ra mim: a seiva gelou nas veias das arvores; o mar que eu amei tanto, não me importa.

A vida agora é este horror: uma sala de *morgue*, mezas ovaes de marmore, cadaveres sem nome, já esquecidos, e entre elles, Suze, o teu cadaver.

Como irás tu p'rá cova? Quem te vestiu?... Foram mãos sem carinho, mercenarias.

Vejo-te, digo-te adeus, Suze... O teu cadaver transe, em pedra de martyrio. Pareces mais alta, mais comprida. Não te souberam pentear; deixaram-te o cabelo em desalinho e, não sei porquê, está mais claro, d'uma sêda mais pura, mais d'infancia...

Tens um vestido preto (com que me foste esperar: ha quanto tempo?...) sapatos de verniz, ponteagudos... fivelas d'oiro... meias de sêda nos teus artelhos finos de cegonha.

Cruzaram-te de certo as mãos no peito, mas escorregaram, descahiram, e amarellas, outomnaes, dizem ainda: «é um *detalhe* apenas, um *detalhe*...»

E o que mais me entristece é que tens frio: as mãos da podridão vão-te gelando. Oh! as tuas noites na cova, Suze!...

Abriram-te o ventre no hospital. Suturaram-t'o á pressa, sem cuidado. Se te tirassem os nervos... Bem sei que é doido, mas que querem?... Ficava assim mais socegado.

É amanhã que te enterram?... Hoje mesmo? Deve ser quasi dia, minha Suze. Deixa beijar-te as mãos geladas, de mansinho, enquanto fallo... Assim. A minha febre aquece-t'as: verás...

Não te descerro as palpebras. P'ra quê? Está ainda escuro.

Tens saudades do sol, minha pobrinha?... A ultima vez, quando almoçamos na praia, ao pé de Leça, olhaste-o tanto que logo pensei que ias morrer... Todo o teu corpo diz adeus ao sol. A mais ninguem.

Familia?... Nunca quiz saber de ti: contaste-m'ó sem queixa, simplesmente. Disseste como sempre: *é um detalhe...*

Que fica de ti, Suze? A memoria da pelle é passageira e é muito incerto que a tua graça vá dourar uma saudade.

Ninguem irá ao teu enterro e ainda bem!

Por tua causa, ninguem se irritará jantando á pressa; ninguem irá de sobrecasaca e mau humor, fazer-te o necrologio ao cemiterio.

Não terás latim grunhido por um clerigo, nem essa coisa triste e tão grotesca – um cyrio laico em ar solemne com fungagá e arenga humanitaria.

Vaes p'rá cova só, como viveste; e depois de te teres dado a tantos homens, vae parecer-te natural que te amem vermes...

Até na morte és discreta, minha Suze, pois
nem sequer virás n'uma gazeta.

Fôste perfeita: és perfeita. Amaste a
belleza sempre com loucura: nas nuvens,
nos *maquereaux*, nas pupillas das joias, nos
crepusculos...

Ensinaste-me o desprezo sem palavras, a
dôr sem confidencia, feita orgulho. Deixa
beijar-te ainda as mãos geladas.

Quem m'as déra guardar p'ra sempre, em
marmore; suspendel-as como um *ex-voto* á
cabeceira, as tuas pobres mãos tão
humilhadas, esfolhando eternamente sobre a
vida, o perdão dos que a entendem: – o
desprezo.

...Oição horas. Uma, duas... oito. Oito
horas! Se eu pudesse dormir!

E agora mesmo, ao enfiar-me na cama extenuado, eu oiço a voz da Suze, voz de sêda que range, a segredar-me:

– *Mon pauvre ami! Quoi?! Qu'est-ce qui t'attriste? Ma mort?... Mais, tu sais, ça c'est un detail.*

Sim, um *detalhe*... como tudo, terminando no marmore frio d'uma *morgue*, ou a uma esquiva de rua banalmente. Como tudo.

O VEIGA

A RAMIRO MOURÃO

O VEIGA

É o typo mais estranho que eu conheço. Que annos terá? Deve ter trinta ou mais. Magrissimo, esse lugubre cabide que é o seu corpo, traz enfiadas roupas d'outros, muito largas: sobrecasacas, fraks, vestes ricas, esverdeando, já em plena

decomposição, e mais vexadas n'esse esqueleto curvo de pedinte que n'uma loja d'adelo ou n'um palhaço.

Decerto o conhecem. Decerto já, cerimonioso e gago, lhes pediu esmola. É um pobre diabo e é doido: o Veiga.

Caricatura das ruas, conselheiral e poetica, encontro-o sempre com vagar e rythmo, n'um abandono corcova de vadio, que daria dandysmo a um diplomata.

Pois bem: é só mendigo. Mas não como nós todos, a uma esquina de rua ou a uma porta banal de ministerio, a pedir emprego ou noiva rica, dez reis ou participação n'um monopolio. Não é assim: é outro genero, é paradoxal, é único!

Pede para comer, mas não come como nós todos: por comer. É p'ra viver a Vida, a

Vida toda! Esperem um instantinho: é extraordinario.

Deixem-me antes contar-lhes como elle era.

O Veiga, quando eu dei por elle, era empregado n'um cartorio. Ás dez, todas as manhãs, enfiava com unccão manga d'alpaca. Assim ficava até ás tres, todo curvado, cumprindo religiosamente, riscando o papel sellado com uma letra estylada e redondinha, tão correcta e tão banal que faria o desespero d'um graphologo.

Typo neutro, *nem vou lá, nem faço minga*, gozava em todo o tribunal uma sympathia benevolente e desdenhosa. O escrivão, os collegas diziam d'elle: é um pobre diabo.

Era bem um pobre diabo.

Soffriam os seus nervos destrambilhados com o drama quotidiano do tribunal, esse espectáculo de miseria em carne viva, explorada pelos outros que viam n'ella a melhor posta, extra-official e lucrativa, o verdadeiro emprego.

O Veiga, coitado, não explorava: soffria. Ás vezes copiando interrogatorios, mandados de captura ou de penhora, tinha os olhos razos, e umas revoltas frustes de nervoso crispavam-lhe as mãos magras na caneta, perturbando em tremulos sem arte, o seu lindo e banalissimo cursivo.

Em muitas d'essas prosas rigidas, onde se amortalha em formulas-destinos, ia o graphico da sua emoção romantizada, o pathetico mappa dos seus nervos.

No cartorio, melhor do que nos livros, sem gangas litterarias, sem imagens, o Veiga ouviu a maré rouca da desgraça: a sua caneta attenta correu-lhe os sete circulos fatidicos; soube-a de cór, como um folhetim vivo, gritado aos seus ouvidos, que elle recolhia em papel sellado a 20\$000 reis por mez.

N'aquellas laudas officiaes folheava a vida social como n'um indice; lia como n'uma partitura, toda a harmonia humana. E que harmonia, Santo Deus!

Tinha vontade de fugir, de tapar os ouvidos, de se metter sósinho n'um buraco. Ali roçou mais encolhido, aspirações, chymeras ulceradas. Como era um fraco, d'uma nervosidade romanesca, sentiu terror: tinha vontade de chorar. Não embotava

como os outros n'um cynismo commodista: cada vez destrambilhava mais.

Claro que não podia ter amigos: era ridiculo, era diferente, era um sósinho. Riam-se d'elle com benevolencia, estendiam-lhe a mão com um ar d'obsequio.

Quando se afastava d'algum grupo, sob as arcadas conventuaes do tribunal, ia afflicto, a querer sumir-se, com vontade de morrer, pois bem sabia que se riam d'elle, das palhetas desafinadas, da gaguez.

Vivia com a mãe sem mais parentes. Mal chegava a casa, ia esquecer, queimar no brazeiro interior essas miserias, e com a luz de tão má lenha, fazia nimbos p'ró seu sonho.

Com que sonhava elle? Com o Amor.

Vira-o nú, reduzido a autos; ouviu-o debater-se bem immundo na camisa-de-forças que é a Lei; acotovellou-o no cartorio, em todas as formas, da prostituta de viella ao adulterio rico; e assim mesmo, persistiu em amar imbecilmente, convencido, – o desgraçado! de não sei que sarcastico destino que o talhára p’ra amoroso, com uma carcassa humilhante de fantoche.

Amou.

Era uma loira muito chromo, filha da loja de miudezas lá da rua. Escreveu-lhe em insomnias de delirio, cartas immensas em papel azul. Chamou-lhe tudo e ella respondeu-lhe. Durante umas semanas viu côr d’oiro, andava estonteado, como em

sonho, suspenso dos fios d'essa trança, pairando á altura d'um terceiro andar.

E mesmo na salêta do cartorio, se o deixavam só alguns instantes, fechava como os mysticos os olhos, para forrar as palpebras com ella, sussurrando baixinho devoções.

Que lhe importava agora o tribunal, essa tragedia amorpha, sem estylo, tantas palavras que condensam dramas e que elle por officio, copiava! Escrevia a pensar n'ella, envolto em vago, como n'uma nebulosa redemptora, e já não via no papel um mar pautado, em que boiam cadaveres de destinos, frangalhos d'esperanças, vidas pôdres...

Ha muitos dias, o Veiga era quasi um ser de sonho. Dizia á mãe em casa coisas vagas, comia talvez menos, mas radiava.

Tinha grandes cuidados de *toilette*. Mandou brunir o seu antigo frak, que agora sem pello era espelhento, e arranjou ainda um côco preto que o maguava pouco na cabeça. P'ra ser em segunda mão, era magnifico. Vendera-lh'ó um collega no cartorio. Andava cheio de felicidade como um ovo. Era uma vontade doida de sorrir, de beijar as creanças, dar esmolas, de agradecer a Deus o sol e a chuva, e de dizer a todos que era amado.

Tinha ido apreçar um anel d'oiro, e fazia economias prodigiosas para lhe dar em breve essa *aliança*. P'ra elle o anel era um

symbolo supremo: fundiria p'ra sempre os seus destinos.

Só iria fallar-lhe, gritando-lhe da rua o seu amor, quando podesse levar esse aro liso, que ella enfiaria olhando-o perturbada, como n'uma liturgia nupcial.

Chegou o dia. O Veiga nem comeu. Metteu o anel no bolso, poz o côco, beijou a mão á mãe commovidissimo, e partiu rythmico e mudo, mui solemne, como se pisasse a aresta do destino.

Era ainda cedo. Vadiou nas ruas, braços pendentes, languido, scismatico, a construir projectos de futuro: outra casa melhor e em poucos annos – um lar com ella, immortalmente loira.

Caminhava alheiado, fluctuando, sem olhar, sem perceber aspectos, fumando o

seu monologo de sonho, sentindo com prazer que a noite vinha.

Parou por fim, cravando olhos de febre n'essa varanda do terceiro andar.

Esperou... esperou e ella não vinha!... Ha quanto tempo olhava elle a varanda? Ha cinco minutos talvez, talvez ha uma hora. Perdera a noção do tempo. Não sabia. Subito moveu-se o transparente... Era ella. Olhou um instante, viu-o, e retirou depois d'um modo brusco.

«Coitadinha! Não pode vir agora. Talvez gente de fóra... Esperarei» – pensava o Veiga com as pernas a tremer. E esperou, esperou, n'uma agonia.

Por fim deram dez horas muito fortes, badalando-lhe dentro da cabeça. Ergueu os olhos. Não podia mais. Batia os vidros um

luar d'opálas fluidas e ella appareceu na claridade, muito branca, ao mesmo tempo que lhe deu um encontrão um caixeiro ajanotado que passava.

«Foi decerto sem querer», – pensou o Veiga, mas viu-o logo voltar-se a provocalo.

«Que tem elle commigo? Que lhe fiz?» E interrogava-se assim ingenuamente, quando o viu fazer signaes p'r'ó andar d'ella e apontal-o a rir, com um ar de troça.

Cessou em torno d'elle toda a vida. Deixou de vêr, deixou de ouvir, ficou immovel, n'uma aura de vertigem que o lambia, cara p'r'ó alto, livido, inconsciente. O outro então approximou-se d'elle, físgou-o pela gola, muito teso, e com bruscos saccões foi-lhe dizendo:

– Que faz você ahi, seu grande lôrpa? Não percebeu ainda que o troçaram? As suas cartas, trago-as eu aqui. P'r'ás lêr aos meus amigos, p'ra me rir. Você sempre é um ponto de primeira... Você ouve ou não ouve?...

E deu-lhe um saccão ultimo mais forte.

– Não ha que vêr. É mouco como um muro.

O Veiga olhou-o attonito, sem gestos. Não teve uma palavra. Empedrou todo. Vergava de fraqueza, mal ouvia, e nos olhos de febre, muito aberto, um desencanto immenso, emparvecido, um vazio d'assombro, semi-louco... Estava em frente do outro sem o vêr. Todo o seu corpo magro de humilhado corcovava ainda mais de decepção, como se o esfrangalhasse uma

rajada. Parecia esperar uns braços p'r'a cair. O outro olhou-o n'um desprezo bêsta, e rematou com o punho em murro junto d'elle:

– Agora róde! Senão parto-lhe a cara.

O Veiga nem buliu. Ficou inerte.

– Não ouviu, seu burro, não ouviu?

E como elle não tinha um movimento, deu-lhe uma bofetada que o virou. Depois, gozando muito o seu triumpho, encheu-lhe de pontapés o corpo todo, teve-o nas patas enovelado como um trapo, até que farto, resolveu largal-o, soltando-lhe magnanimo, o perdão:

– Já basta. Tomou p'ró seu tabaco...

Havia um luar de spasma, amorosissimo, e o imbecil trepando a rua derreado, abafava os soluços contra o lenço, cerrava a bocca

secca como em trismus, e só tinha uma ancia a empurrar-o: ir despertar a mãe na alcova escura para chorar baixinho junto d'ella, como em petiz quando o troçavam no collegio.

Só isto poderia consolal-o: ouvir-lhe a voz, palavras de ternura, sentir-lhe as mãos rugosas nos cabellos...

Fez um ultimo esforço, dominou-se. Foi em bicos de pés até ao quarto, e cahiu de bruços sobre a cama, como se fosse a cóva, p'r'acabar, na humilhação suprema de sovádo deante do seu idolo tão loiro.

Crispou no travesseiro mãos de naufrago, como na carne d'alguem que o acolhesse, um amigo p'r'a ouvir-lhe a confidencia; disse coisas baixinho, o nome d'ella, chorou horas e horas, gemeu alto, diluindo nas

lagrimas a angustia, sentindo contra o corpo extenuado a molleza da moinha a consolal-o. Por vezes chorou quasi com prazer, desdobrou-se, assistiu ao seu martyrio, como nas melhores noites de theatro, quando ouvia os quintos actos soluçantes, apertado n'um logar das galerias.

Esteve assim de bruços muito tempo, amollentado, estúpido, pastoso. Não podia dormir: era impossivel. E com um grande esforço quis erguer-se. Mas doeram-lhe então as pisaduras e n'uma raiva fruste d'impotente, feriu a paz do quarto com patadas, com rangidos de dentes e com murros, torcendo-se n'um odio corrosivo, menos contra o caixeiro que o tosára que contra elle, Veiga, gago e réles, sempre

curvado em cumprimentos torpes, entres⁴ troças e adeuses de desprezo, sem coragem p'r'a um murro ou uma insolencia.

Sentiu-se trapo, lôdo, coisa immunda. Teve mesmo prazer em deprimir se⁵; rolou-se na humilhação quasi com gozo, como outros na gloria ou na luxuria, e arrancou do seu miserrimo grotesco, da sua covardia tão cuspida, este consolo christão para aureolar-se:

– Sou uma victima, uma victima do Amor e do Destino!

Tinha ainda na cara as bofetadas, ouvia ainda a voz boçal do caixeiro: «Já basta. Tomou p'ró seu tabaco»; mas a única

⁴ Deverá ser gralha por “entre”.

⁵ Provavelmente gralha por “deprimir-se”.

realidade bem tangível, ao sentir-se chorar, assim, de braços, de côco para a nuca e sobretudo, era esta coisa magica e ineffavel: – «Sou uma victima do Amor, tenho romance!» E com a cara a arder, era um heroe.

Já quasi madrugada, adormeceu. Acordou-o o sol vindo até elle, e ia voltar-se contra a luz covardemente, pr'a se escoar no somno, p'ra esquecer, quando ouviu passos da mãe que vinha entrando.

Embrulhou-se nos cobertores n'um gesto brusco, para que ella o não visse por despir; encolheu-se na roupa o mais que pôde, mas ainda assim ficou com os pés de fóra, com as botas d'elastico enlameadas e o côco amolgado em travesseira.

A mãe entrou no quarto devagar, foi abrir as janellas de mansinho, suppondo-o a dormir, bem socegado. Quando o viu vestido sobre a cama, com uma pallidez desfeita e olheiras fundas, correu p'ra elle, poz-lhe, a mão na testa, e perguntou branca de susto, a tremer toda:

– Que tens tu, meu filho? Estás doente? Porque dormiste assim todo vestido?!... O Veiga olhou-a lorpa, emburrecido. Não soube que dizer, não quiz contar-lhe; e como se a morte da illusão o acanalhasse, como se viesse de nascer n'elle um outro ser, de seccura e vaidade, um réles cynico, levantou-se da cama, espreguiçou-se, e sem olhar a mãe, sem a beijar, foi eructando estas mentiras torpes, surprehendido elle

mesmo de as ouvir, travando relações com um novo Veiga:

– Que quer?... Nem eu sei já como isto foi. Uma noitada... mulheres... foi um pagode. Carreguei-lhe no vinho. Ora ahi tem...

Metteu as mãos nos bolsos do collete, e de pernas abertas, bamboleando-se, vomitou aos puxões o seu programma:

– Isto vae mudar muito de figura. Estou farto de ser burro, vou mudar. D’ora ávante é outra coisa, é outra vida... Previno-a já. Não tem mais que estranhar...

E apontava-lhe a porta:

– O almoço está prompto? Vamos a isso já. Não quero esperar.

Quasi nem gaguejava, o imbecil. Sem as azas-muletas da illusão, que erguiam este

orango a céus de sonho, elle ficava um tyranete buffo, com um rancor covarde de fallhado, a farejar na sua raiva de impotente, uma victima, alguém para expiar. Pasmada, a pobre creatura sahiu limpando ao avental os olhos. E começou n'essa hora o seu martyrio.

Nova phase do Veiga.

Iniciou-se então no botequim e com o olhar envernizado de genebra, ouvindo as *mayonnaises* d'opera que um sexteto melodramatico lhe servia, ia pagando bebidas aos amigos...

Foi um ex-collega, que se alcançara havia mezes, p'ra fundar um semanario clandestino, que o apresentou aos rapazes do cavaco. Depois, extorquindo-lhe os

cobres da bebida, emprehenderam tambem o apostolado.

– E o nosso amigo tem... a *ideia*?

O Veiga não a tinha. Forneceram-lh'a copiosamente, em noites de catechése desvairante. Era agora um iniciado o meu idiota. As necessidades que os outros lhe gosmavam, como uma biblia obscena de revolta, acolhia-as o Veiga com fervor: o caixeiro agora era o *burguez* e o seu idolo loiro o *preconceito*!

Perdia as noites n'um delirio gago, a proclamar no botequim o *amor livre*. Faltava ao cartorio muitas vezes. Inconscientemente, como rezava com devoção até ha pouco, absorvia brochuras anarchistas, e tinha á cabeceira, como uma especie de *Flos sanctorum* laico, um

agiologio pathetico, illustrado, com um Ravachol d'auréola, hyperchristo, e os martyres de Chicago nimbados.

Recolhia de madrugada ou noite morta. Nem já tinha horas certas de comer. Alimentava-se de pasteis e alcool. Só ia a casa para insultar a mãe e p'ra dormir. Mal lhe dava dinheiro p'ra comer. A pobre creatura envelhecia annos cada dia. Por fim já nem fallava: tinha por elle uma especie de terror. Ouvia-o arengar coisas tremendas: a revindicta social a dynamite, o «odio ao burguez», trapos de phrases feitas que elle moía e remoía muitas vezes, n'uma especie d'automatismo cerebral.

– Porque, fique-o sabendo, Deus é o crime... o crime, sim senhor, digo-lh'o eu... Hei-de dar que fallar. Verá, verá ...

– Não hei-de vêr, meu filho, que eu não tardo... Deus ha-de-me levar. É grande esmola...

E lá ia a chorar muito baixinho.

Com as noites d'alcool e vadiagem, n'uma exaltação agudissima e imbecil, a loucura do Veiga emparedou-o.

Não podia dormir o meu fantoche. E depois das palestras de café, em que os outros disparavam burramente, trechos d'artigos de fundo e aneddotas, vagueava monologando, em falla-só, repetindo na excitação da bebedeira, as escórias que mais o impressionaram, e o que era peor, suggestionando-se, desdobrando-se n'um Veiga que ameaçava e n'outro que o terror lambia todo.

A Sociedade, a Religião, o Estado, eram os inimigos do meu titere.

Ao recolher a casa, noite morta, tomava precauções, dava mais voltas, e era em suores d'angustia, em calefrios, que dobrava na nevoa, cada esquina.

Andavam a preparar-lhe uma cilada... Quasi tinha terror do novo ser que se installára n'elle, inquietante, atulhado de fluido de revolta, como uma garrafa de Leyde subversiva.

Certo, elle não fizera nada, era um pobre diabo inoffensivo, mas vivia agora o *outro* dentro d'elle, como uma mina de dynamite, subterranea, que a Ordem poderia farejar... E entrou a ter medo da policia. Ao recolher, logo que via um guarda, nem sequer dissimulava o seu terror, rodava nos

calcanhares, voltava logo, d'uma forma tão flagrante e tão grotesca, que se fazia notar ao mais boçal. Às vezes esperava o sol, porque de dia não *lhes* tinha medo, e era na luz leal da madrugada que se esgueirava p'ra casa, rente ás portas.

Uma noite em que bebera mais, desengonçou-se em tão comicos tregeitos ante o primeiro guarda que avistou, que o santo homem resolveu deitar-lhe a luva, e regenerar-o com parasitas no Aljube.

Lá passou o resto da noite, sem fallar, meio somnambulo de medo e de genebra, e a unica impressão nitida que teve, foi a de ouvir pouco antes de o soltarem, um fado soluçado como nunca, por um gatuno que dormira ao lado d'elle:

Já que eu te não dou o pão,
dá-te nua a quem t'o der;
mas guarda-me o coração,
a alma que ninguem quer.

Foi por este tempo, que elle fez parte do grupo dramático *Luz e Esperança*. Gago e solemne, estava a calhar p'ra *conde* e p'ra *pae nobre*.

Teve triumphos colossaes nos arredores. Declamava ás noites pelas ruas, corrigia nos espelhos das vitrines a expressão dramática da tromba e muita vez contrascenou com os candieiros, á hora espectral dos varredores... Fazia, é claro, theatro de combate, peças d'intuitos sociaes, dramas de these, e como todos os collegas lá na *troupe*, considerava-se um *actor-apostolo*.

Recolhia cada vez mais tarde, trespassado de frio e de pathetico.

Uma manhã, chegando ao patamar, procurava a chave pelos bolsos, quando viu um vulto enrodilhado contra a porta. Estacou, varado de terror. O seu primeiro movimento foi de fuga. Quem seria?!... A mãe não, – dormia áquella hora. Mas, olhando melhor, viu que era ella... Estremeceu. Meu Deus! Estaria morta?... Não, não: adormecera ali. P’ra quê?... Não podia perceber.

– Deu-lhe talvez alguma coisa...
Coitadinha!

Saccudiu-a de manso, despertou-a. Pela primeira vez ha muito tempo, teve um gesto de filho, de piedade: ajudou-a com ternura a levantar-se. A pobre creatura erguia uma

cara d'espanto, de terror. Vêl-o outra vez meigo p'ra ella como d'antes, inquietava-a mais que ouvir-lhe insultos. E ali no patamar, sem gestos, fitaram-se, como dois naufragos, segundos. Não se viam já ha muitos dias...

A expressão da cara d'ella ia mudando á medida que o fitava: – *era o seu filho!* Aquelle rapaz cheio de rugas como um velho, com um tremor nas mãos, no corpo todo, aquelle pobresinho – *era o seu filho!*... Sempre a olhal-o, ergueu as mãos que tanto o abençoaram; a sua mascara desfeita illuminou-se, tanto a piedade ardia dentro d'ella; e com uma voz de misericordia e de caricia, pôde ainda dizer-lhe:

– Ó meu filhinho!...

E cahiu-lhe toda em lagrimas, no peito. Entraram abraçados pelo quarto. Lá estava a cama aberta, a dobra feita – como uma caricia d’ella a recebel-o... Atravez das frinchas das portadas, a manhã estava a sorrir no travesseiro...

Então na alma d’este trapo humano, o remorso dobrou como um mau sino, fazendo-lhe vêr quanto de bom era possível: a vida antiga com a mãe, a vida calma... Sentia bem que fôra torpe para ella; viu-a com a cova ao lado p’ra tragal-a: e n’uma lufada de desespero ajoelhou com lagrimas rolando quatro a quatro; gaguejou como uma creança a quem bateram:

– Ó mãesinha... ó minha mãe...
perdão...

Ficou assim alguns instantes; levantou-se. Ainda outra vez fitaram-se nos olhos – como se um d’elles acabasse de chegar, com uma saccola de dôr, de muito longe... E agora, entre lagrimas, sorriam. Elle poz-se a dizer-lhe muito baixo:

– Juro por Deus, minha mãe, juro por si, que ainda a hei-de fazer muito feliz... Hei-de pagar-lhe com amor, com muito amor, os mezes de martyrio que lhe dei. Verá, verá. Vou ser outra vez o seu filho, vou ser outro...

– Sim, sim, meu filho, tu és bom. Deus trouxe-te outra vez. Pedi-lh’o muito. Eram as más companhias... os malvados... Por pouco te matavam, meu filhinho. Matavam-nos a ambos, Manoel. A tua mãe já não

podia mais. E tu... e tu... estás tão magrinho!...

– Hoje começa vida nova. Não se afflija. Hei-de ser forte outra vez, vou trabalhar...

Interrompeu-se de repente, como se uma ideia de terror viesse gelal-o. A mãe sem comprehender, continuava:

– Trabalhar... ora ahi está, é o que é preciso. Foi por isso que te esperei deitada á porta, com medo que entrasses e sahisses sem te eu vêr – como nos ultimos dias succedera... E eu, pobre de mim, que tinha medo, não sabia como t’o havia de dizer!... E afinal tu mesmo o reconheces. Louvado Deus! Tudo é pelo melhor. Ora vê tu – mas que cabeça a minha! – puz me p’r’áqui a fallar e nem t’o disse... Esta tarde, o senhor Souza esteve cá...

– Quem?

– O snr. Souza escrivão... elle... o teu chefe.

– Ah! disse o Veiga e poz-se côm de cal.

A mãe, sem reparar, dizia sempre:

– Devo-lhe muito, é muito nosso amigo.

Que outro no seu logar – tu bem o sabes – tinha-te posto fóra do emprego. Mas elle não. Só quer que tu t’emendes. Diz que t’espera hoje sem falta, ás dez em ponto. Verás, Manoel, tudo se arranja bem...

Elle olhava a com os beiços a tremer:

– Estás contente com isto? An! Manoel?...

– Não, minha mãe, não volto ao tribunal. Não posso mais... não posso mais lá ir...

– Ora essa, meu filho, tu que dizes?!...

– Não, minha mãe, não posso mais lá ir...

Por mais que perguntasse, que insistisse, sempre a mesma resposta em voz sumida, como a ultima decisão d'um agonisante:

– Não posso... não posso... É-me impossível...

E de repente, chegando-se p'ra ella como um petiz com terror, poz-se a dizer baixinho:

– Quem sabe se não é uma cilada... O Souza quer-me lá p'ra me prender... Sabe que sou um anarchista... quer vingar-se...

Continuou n'este tom ainda algum tempo. Ouvindo-o sem poder interrompel-o, com o coração a desfazer-lhe o peito, a mãe era forçada a perceber que aquelle desgraçado que ali tinha, guardado nos seus braços outra vez, precisava mais de si que

em pequenino, porque Deus lhe tirára o entendimento.

Quando elle lhe contava as suas noites, como na rua a policia o perseguia, o que havia na nevoa, a certas horas, – interrompeu-se bruscamente e ainda mais baixo, transido de pavor, collado a ella, pediu-lhe que fosse vêr ao patamar... tinha ouvido passos... era alguém... Para o tranquillisar, ella fechou a porta á chave, com os olhos razos, a conter-se, e poz-se então a vêr se o adormecia.

– O que precisas, Manoel, é de dormir, tens mesmo os teus olhos a fechar-se...

Elle não queria dormir. Era impossivel. Podia vir o Souza... alguém prendel-o... Só se ella ficasse ao lado, de vigia.

– Eu fico, eu fico ao pé de ti. Socega.

Despiu-o então como em pequeno. Tirava-lhe a roupa devagar, ia-o beijando com meiguice, em despedida: e deitou-o por fim sem resistencia, como se fosse uma creança somnolenta. Aconchegou-lhe o cobertor bem contra os hombros – tão magrinho, Senhor, um esqueleto! – e á beira da cama, de joelhos, sentindo-o adormecer, ia dizendo:

– Dorme, meu filho. Dorme... dorme... dorme...

Quando o sentiu adormecido, ergueu-se.

– E agora?!... perguntou no quarto escuro. O filho doido... a morte em torno d'ella... e ninguem, ninguem que lhe valesse...

Lá fóra a manhã subia, com pregões. Mas n'este quarto, para a pobre velha, o silencio era doloroso como um uivo.

Mezes depois, encontrei-o uma manhã em Nevogilde, sob um grande castanheiro a desfolhar-se.

Intrigou-me vêr o Veiga em pleno campo, saturando-se d'outomno e solidão. Que podia fazer alli aquelle idiota?

Mas quando me aproximei e o vi de perto, espantou-me a mudança que fizera. Era outro: era um pedinte louco, de olhos meigos...

Parei a olhal-o. Elle cumprimentou-me com maneiras unctuosas de prelado... E ficou a sorrir, chapeu na mão, como á espera de que eu fosse fallar-lhe.

– Linda manhã, senhor Veiga, não é verdade?

– Diz Vossa Excellencia muito bem... Está linda.

– Então móra por aqui – por Nevogilde?

– Não, senhor... Eu não tenho casa. Gosto d’isto... aqui. Ha campo e mar...

– Não tem casa!... Desculpe esta pergunta: e onde dorme o senhor?...

Esteve um pedaço a fitar-me, olhos em olhos. Depois – em confidencia misteriosa:

– A Vossa Excellencia sempre o digo. Eu nunca durmo...

– An?!...

– Eu nunca durmo. Não tenho tempo p’ra dormir. Quero viver! viver!... Não posso perder nem uma manhã nem uma noite. A gente sabe lá quando tem de deixar isto...

Sabe-o Deus! Eu já perdi muito. Tenho remorsos. Quando penso n'isso... tenho remorsos... Quando eu era empregado, passava dias inteiros sem olhar pr'ó ceu. Só via gente e ruas... E as noites... também as perdia. Ia p'r'ós theatros, p'r'ós cafés. Foi só depois – quando morreu a minha mãe – que eu compreendi que ia mal... e resolvi *viver*. Passei dias de desespero, a pensar que não gostei d'ella como devia... que a não acarinhei... que a deixei ficar sósinha muitas vezes... Ia dando commigo em doido. Depois lembrei-me – que o que me succedeu com a minha mãe, me podia succeder com a vida toda. E mudei de rumo... Deixei o emprego. Fiquei assim... puz-me a viver. Agora, se adormeço n'um

banco uma hora ou duas, zango-me commigo...

Por muito tempo, em palavras de gágo, bi-partidas, sussurrou as razões da sua vida, a sua exegése moral de vagabundo, a sua felicidade e... os seus recursos.

Tinha amigos, pessoas que o conheceram n'outro tempo, *antes d'elle saber o que era a vida...* E quando precisava de dinheiro (que elle afinal de pouco precisava: nutria-se de fructos e de pão) era muito raro recusarem-lh'o: só se de todo em todo não podiam.

Notou que eu lhe fixava a andaina rôta e sorriu com meiguice desdenhosa:

– Ando assim... todo rôto. Que m'importa! E podia andar bem... isso podia. Muitas pessoas me têm dado roupa.

Até fatos inteiros... e em bom uso. Póde V. Ex.^a acreditar. Mas ás vezes, de noite, pelas ruas, véem ter commigo ás escondidas da policia, desgraçados com fome... todos rôtos... E por boas maneiras ou á força, tenho de trocar a minha roupa pela d'elles...

Interrompeu-se, a sorrir, e segredou-me:

– Imaginam, coitados, que me roubam...

Que póde isso fazer-me!... Que m'importa!...

Teve uma expressão de piedade em toda a mascara e gaguejou com outra voz, commovidissimo:

– Tenho tanta pena d'elles... tanta... tanta... de todos os que foram como eu!... No fundo... é mais triste que a fome e que a miseria... vêr como andam na vida *sem viver*... V. Ex.^a perdoe o que eu lhe digo...

Assim, n'essa manhã d'outomno, eu conheci um outro Veiga – o que me interessa.

Perguntei-lhe, almofadando a offerta, se precisava algum dinheiro. Recusou. Tinha já almoçado ha algumas horas... Mas como eu insistia, tirou do bolso uma mão-cheia de migalhas e mostrou-m'as como um ultimo argumento:

– Ficou-me ainda isto... p'r'ós pardaes...

Depois, com um gesto lento, precioso, em que as táras do amator dramático automaticamente se trahiam, tirou do outro bolso muitas pétalas e offereceu-me algumas:

– Faz... faz favor. São d'uma roseira que o vento desfolhou...

Ficou curvado a aspiral-as uns segundos:

– Certas manhãs d’outomno... os perfumes dão vontade de chorar...

Datam d’aqui as nossas relações. Cultivo n’elle com estima, com ternura, o único pantheista que eu conheço. E tal qual o vêem pelas ruas, este pobre mendigo alienado anda «bebedo de Deus», como Spinosa.

Encontrei-o hontem á noite: conversamos. E as poucas palavras que me disse, cravaram garra em mim: não as esqueço. Elle anda agora esqueletico, a cahir: o seu bohemianismo pantheista tomou uma fôrma aguda, convulsiva: é uma especie de delirio ambulatorio.

Como eu alludi ao seu cansaço, pedindo-lhe que não andasse dia e noite n’essa lufa em que agora o via sempre, elle, que era

mais meigo do que um cão, deitou-me bruscamente as mãos aos braços, e com uma indizível voz de raiva e supplica:

– Por o amor de Deus... não diga isso! Olhe que eu não duro muito. Eu sei... eu sei... E tenho fome... fome de adorar... Eu quero como a um filho á terra toda...

E fallou-me das arvores, do mar.

Disse-me que queria acompanhar a Noite, sem perder um segundo, um só segundo, caminhando com ella, caminhando; – e logo, logo ao despedir-se d’ella, abrir bem os seus olhos, bem abertos, ao primeiro arraiar da madrugada... E seguir depois o sol até á morte, elle e a sua sombra que era triste – como se fosse já uma saudade...

Era n’um jardim publico, deserto. Cahiam dos platanos folhas sêccas... Elle

baixou-se, apanhou algumas com cuidado, como se fossem borboletas estonteadas...

– Veja V. Ex.^a... veja ... Como estão encarquilhadas... tão sequinhas! A minha hora chegou como a hora d' ellas...

E como o vento as fazia redemoinhar, estremeceu e disse bruscamente:

– Passe Vossa Excellencia muito bem... Queira perdoar... Não posso perder tempo...

É o amante da terra o meu pedinte; não tem tempo p'ra amar, por isso soffre; sente que ella lhe foge a cada instante e não quer adormecer p'rá sentir sempre, contra o seu corpo de fantoche-martyr, com sobrecasacas d'outros, fraks d'outros, por cujos rasgões entra o sol ao luzir d'alva, até que a noite por sua vez se engolfê n'elles, correndo-lhe

a carne de miseria, sensitiva, e amando-o sem nojo horas e horas...

A Morte, quando vier, vae commover-se, ouvindo-lhe na gaguez frémitos d'azas, vendo-lhe abrir os braços d'esqueleto como p'ra agasalhar a vida toda, e offerecer-lhe nas mãos rôxas e osseas – pétalas murchas e folhagens seccas...

Não póde durar muito: é impossivel. Mas nas pedras da rua onde morrer, terá em torno d'elle a despedir-se, o Mar, as Arvores, a Aurora, toda a vida da terra – sua amante...

Apercebia com uma acuidade visionaria a orquestração da noite, dita em surdina nas janellas, nas folhagens, e decompunha essa penumbra de ruidos, complexissima, a que chamamos vulgarmente as «horas mortas».

Quasi madrugada, em Dezembro, recolhia eu estugando o passo, porque fazia uma nevoa frigidissima, quando o cruzei n'uma ruella ingreme. Levei a mão ao chapéu e fui andando, mas instantes depois elle atracou-me, a tiritar de frio, solemnisimo, o côco erguido e o busto em reverencia. Era ainda polidez, diplomacia:

– Desculpe V. Ex.^a Teve agora a bondade de saudar-me e eu não pude corresponder... Só depois me voltei e o conheci. É que eu ia distrahido, a trautear...

– Nada mais natural, senhor Veiga, nada mais natural...

E p'r'ó não despedir com brusqueria, fiz-lhe ainda esta pergunta estúpida:

– E que trauteava o senhor com este frio?

Fixou-me. Depois com um gesto curvo,
muito vago:

– Isto... o silencio... a nevoa...

Sem frauta rustica, pobre fauno de quico e butes rôtos, o Veiga não imitava, como collegas seus de longes tempos, quando a Terra era ainda uma creança, o rumor claro das levadas rindo espuma, mas apenas o esgarçar dolorosissimo d'uma nevoa mendiga de dezembro, que o vento ia rasgando aos empuxões, nos beirões dos telhados, nas esquinas, esquecida talvez de que foi mar ou o chôrro das nuvens vagabundas...

E lá foi sob a grisalha a desfazer-se, ouvindo musica inédita p'ra todos, esse misero fauno arripiado que eu vi uma só vez com uma nympha...

Foi á beira do rio, em Massarellos. Como era tarde e não havia electrico, eu ia a pé p'rá Foz, na noite calma.

No caes, sentado em tóros de pinheiro, – madeira para embarque, certamente – havia um par em idyllio, muito unido, onde fui descobrir com grande espanto, a silhueta comica do Veiga.

Por traz, junto a uma faia somnolenta, detive-me um instante a escutar. Era o Veiga que fallava á creatura, na sua voz gaguejada e um pouco emphatica, em que eu sentia o ex-amador dramatico sob uma nevoa de lagrimas molhando-a:

– Não se afflija. Eu tenho relações. Ha-de tornar a entrar p'rá fabrica, descance. De que serve chorar?... Torna a entrar, torna a entrar, digo-lh'o eu.

E uma voz de timbre fino, adolescente, respondia n'um choro sem esperança:

– Não me querem lá mais. Que hei-de eu fazer?...

– Qual não querem! Olha a grande coisa! Mas porque foi que andaram á pancada?

A outra voz choramingava, aos haustos:

– Eu andava na descarga do carvão... Nunca chegavamos á barca ao mesmo tempo. Quando eu trazia o cesto carregado, voltava ella sempre de o largar... e dava-me encontrões e más palavras. Eu calava-me, mas já não podia mais. Tudo isto, já se vê, por causa d'um rapaz que é da Afurada e anda a passar o povo p'rá outra banda. Hoje deu-me um encontrão com tanta força, que me voltou o cesto na cabeça e chamou-me... ainda por cima. Foi então que me

atirei a ella como cega – que até lhe cuspi de raiva no cabelo... Depois o inspector veio e poz-me fóra. E agora... agora...

Desatou a chorar d'encontro ao Veiga. Corria um leste morno de caricia, e elle passando-lhe as mãos magras na cabeça, gaguejava consolações, mui commovido:

– Não chore, não chore, torna a entrar. E ha-de voltar p'ra casa ainda esta noite... Eu mesmo vou acompanhá-la... Não tenho nada que fazer. Não me faz monta... Eu fallo á sua mãe, conto-lhe tudo. Já ella lhe não bate... então... não vê? Depois volta p'rá fabrica, verá. Eu tenho relações, trato-lhe d'isso. Amanhã pela manhã...

Não ouvi mais. Nem um sopro de desejo n'essa arenga: apenas o amor por um ser vivo, a ancia de o erguer que elle teria,

vendo um caule partido n'um caminho ou uma rosa ao abandono, a desfolhar-se.

É que os nervos do Veiga, como os de certos artistas que tem genio, vibravam d'amor igual por toda a Vida, e sentiam nas rosas e na nevoa, nas creanças e nos pobres e nas almas, a mesma ancia inconsciente d'Unidade, o mesmo erguer de mãos para a Belleza.

Vi-o depois na Cordoaria uma manhã d'inverno, sob o tufo scismatico dos cedros, grisalhos de nevoa e de geadas.

Debatia-se com grandes gestos afflictos, entre um grupo de garotos que gritavam. Trazia um frak immenso, parecendo ter sido acastanhado, côco preto que a grenha intonsa levantava, e na cara chorinca e acreançada, davam-lhe os olhos razos mais

que nunca, um ar de melodrama pifio, um cômico angustioso de careta.

Não me sentiu approximar. Ouvi-lhe a arenga gaguejada: compreendi.

Um dos garotos apanhára, fisingando-o á pedra, um pobre passaro que outro tinha nas mãos agonisante. O Veiga que passeava, interviera, e entre insultos e risadas, reclamava com palavras patheticas o passaro – *para que o não matassem.*

– Se o quer, dê-me um vintem por elle, dizia brusco um dos pequenos.

– Quem?! Olha o peneira! gritava outro ás gargalhadas.

Dei o vintem, mandei que lh’o entregassem.

Foi ao ouvir-me a voz que se voltou. Riam-lhe as lagrimas nos olhos. Tirou-me o

côco, curvado em reverencia. Depois, como o garoto lhe entregava o passarito, recebeu-o com caricia no concavo das mãos arroxeadas, e hirto, solemne, sacerdotal, veio entregar-m'o, erguendo muito os braços, como se levasse uma pixide sacrosanta.

– É... é de Vossa Excellencia... Muito... muito obrigado...

E sem que eu tivesse tempo p'ra fugir-lhe, beijou-me as mãos e deu-m'o ensanguentado.

Encontrei-o muitas vezes de passagem: de manhã, de noite, a toda a hora.

Às vezes, esquecia-se a olhar muros de quinta, quando cahem braçadas de glycinias, e era d'estes p'ra quem o musgo

n'uma pedra é um affago de velludo que commove.

Uma noite, vi-o sahir com um embrulho, d'um bazar. Vinha radiante. Viu-me, flectiu em parabola n'uma venia, e foi andando.

Cruzei-o horas depois ao vir do theatro. Seguiu-me. Vi que queria fallar-me e esperei-o n'uma esquina, a accender um cigarro. Abordou-me com o cerimonial de mandarim que elle usa sempre. Suppuz que ia pedir dinheiro. Mas não: era outra coisa.

– V. Ex.^a desculpe... Está frio e eu venho demoral-o. Vem decerto do S. João... é só um instante. É que eu devo uma satisfação a V. Ex.^a. Viu-me hoje sahir do *Bazar dos tres vintens*, não é verdade? Decerto imaginou que eu fui lá comprar p'ra mim alguma coisa... Não fui: quero contar-lhe...

– Ó senhor Veiga, que ideia! Nem pensei n'isso.

– V. Ex.^a consente? Eu vou dizer. Fui lá comprar uma boneca p'rá Mariinha... Perdão. V. Ex.^a não sabe quem ella é. É a filhita d'uma pobre que eu conheço... Tem cinco annos... É um amor de pequenina. Sou muito amigo d'ella. Até me chama padrinho... A mãe ensinou-lhe. Já V. Ex.^a vê... Era p'ra ella...

– Não era preciso dizer, eu nem notei...

– Era o meu dever. Pela consideração que V. Ex.^a me merece. Queira V. Ex.^a perdoar. Não o importuno mais. Está fria... está muito fria a noite!

Ainda uma reverencia e lá partiu.

Estranho Veiga! Como se desentranhou este ser de hoje, do grotesco banal que eu conheci?

Como, d'esse réles titere, amoroso sovado, trapo humano, ex-amador dramático e ex-poetastro, saíu o pantheista vagabundo, o louco d'uma misericórdia tão sentida, que eu vi salvar com os olhos raios um pobre passarito moribundo?...

A pobre velha, morrendo, *iniciou-o*. Nasceu da sua dôr segunda vez...

Uma manhã, em Carreiros, junto á praia, depois das cortezias do costume, pediu-me uns cobres para ir almoçar. E quando eu ia já a despedir-me, reteve-me com um gesto, e gaguejou esta offerta, muito lento:

– Peço licença... p'ra uma pequena lembrança a V. Ex.^a Mas antes prometta-me

que a aceita... É uma insignificancia, mas
cuido que V. Ex.^a a estimará...

Prometti.

Enfiou solemne a mão ossuda no bolso da
sobrecasaca coçadissima, que vestia sem
camisa, contra a pelle, e tirou com infinitas
precauções, um asterideo ainda humido,
perfeito.

– Como sei que V. Ex.^a gosta do mar,
pensei em dar-lh'a. É uma estrella do mar...
Perdoe o atrevimento...

E partiu quando eu lh'a agradeçi, com os
olhos loucos razos d'alegria.

Nunca porém me feriu tão fundamente o
seu amor de louco á Natureza, como n'essa
madrugada em que eu o vi n'uma rua
afastada d' arrabalde.

Fazia já um calor asphixiante. Estava em cabelo junto a um muro de quintal, revestido de rosas de toucar, madresilvas em flôr e clematites.

Todo em gestos liturgicos, mui lentos, punha rosas a abrir na grenha immunda, perfumava as mãos com madresilvas e passava-as nas fontes, extasiado.

De quando em quando descahia os braços, descançava assim alguns instantes, e na cara sugada, pelle e osso, os olhos puros riam, muito calmos, n'uma beatitude transcendente.

Havia já um grupo em torno d'elle, de leiteiras que vinham p'rá cidade, de moços de lavoura que estacavam. Olhavam-no a rir perdidamente.

Eu pensava em Ophelia, no Rey Lear, nas loucuras pathéticas de Shakespeare, ao ver esse alienado vagabundo, esse estranho pedinte d'olhos meigos, que trazia só pétalas nos bolsos, e em plena luz pollínica d'estio, officiava a Pan, de butes rôtos, aspirando perfumes voluptuado...

WORDS...

WORDS...

(D'UM CADERNO DE NOTAS DE C.F.)*

– Ao morrer, cada um de nós deve dizer á Morte: «Deixe-me estar ainda um bocadinho. Esquecia-me por completo de viver...»

C. F., meu ex-condiscipulo, despediu-se de mim para casar, como outros se despedem para morrer. Casou depois de ter vivido intensamente, – como outros se fazem morphinomanos ou alcoolicos: p'ra annullar a sua inquietação, a sua febre, na sedativa estupidez da vida séria. Sentia-se sem saude e sem coragem, quer p'ra viver a

vida com nobreza, quer p'ra ir ao encontro ao seu outono, morrendo a tempo – como manda o meu philosopho. Foi ha trez annos. Nunca mais nos vimos. Soube depois, por os jornaes, que é deputado e, o que é melhor... ou peor, que vae ser par⁶ (*). Não sei se o meu amigo conseguiu a paz no annullamento ou se é o actor d'uma comedia lugubre – mascarando de banalidade o seu espirito. Deixou-me á hora da morte (á hora da vida social, da vida *séria*) os seus cadernos de notas – e uma obra de humorismo lyrico, de ironia commovida e philosophica: – *A Metaphysica d'uma borboleta*. Estas notas,

⁶ Provável galha por “pai”.

que transcrevo d'um dos seus cadernos,
d'entre as que não ferem sensivelmente a
moral publica, são talvez – os senhores
dirão – curiosas.

– Xerxes chicoteou o Hellesponto.
Quando nós nos queixamos do Destino,
somos tão pueris como esse rei.

– A dôr deve ser como uma amante – que
nos faz soffrer e em quem batemos.

– Nietzsche definiu a gloria «a falta de
pudor na admiração.» No meu paiz, é a falta
de pudor na incompreensão.

– No silencio, nascem em nós sentidos:
os sentidos p'rá vida do mysterio...

– Obsessão a brocar um moribundo:
«Nunca olhei, *sem outra ideia*, para o sol...⁷

– Só a verdade é inverosímil.

– A amizade é uma hypothese divina que só os grosseiros cuidam ter vivido.

– Avaliamos quasi sempre os outros pelas opiniões que teem de nós. É por isso que conhecemos menos – aquelles que mais julgam conhecer-nos.

– Os artistas procuram no amor, além da satisfação do instinto, a gloria, – na admiração de mãos postas da mulher. Compensa-os de não terem publico e só

⁷ Falta, por gralha, o fechamento das aspas.

tarde percebem – que quanto mais beijados... mais inéditos.

– É preciso ser feliz em família p’ra compreender a volúpia de estar só.

– Porque é que os cyprestes entristecem?... Porque, p’ra nós, são um soluço alongado e verde-escuro. É bem possível que elles sejam muito alegres... É por motivos d’estes que muitas coisas nos parecem tristes.

– Alguns dizem: publicar um livro é prostituir-se. Pedantes! O mar recebe n’elle os vossos corpos...

– Quem mais injustamente julga um crime? Primeiro o criminoso, que estava

fóra de si, que já não sabe; depois os julgadores officiaes – que estão *fóra de si* profissionalmente.

– *Aut Cesar aut nihil*. Pódes ser um mendigo e ter na tua vida interior este braço.

– Sou por tal fórma talhado para amar – que o meu amor cresce com o meu desprezo.

– A maior parte da gente é *honesto* – em virtude da lei do menor esforço.

– Ha um instante na vida em que cada um de nós se julga um deus: com uma doutrina a revelar, um calvario nos longes e um propheta...

– Quando depois de lamentar alguém o vêmos salvo, sentimo-nos *roubados*.

– A arte é o refugio dos que não podem viver integralmente. É muitas vezes tambem uma vingança.

– A mentira e o dever são irmãos gemeos. Quando naturalmente, por instincto, nós fugimos ao codigo e á moral, ella appareceu-nos, mascara doirada, para esconder a responsabilidade. Teve depois um filho: – a hypocrisia. Mas ha outra, a mentira creadora, que é a aza do Sonho e da Belleza. Os philosophos chamam-lhe: – *Verdade...*

– Umas mãos, um gesto de mulher, um perfume de flôr, ou um velho estofo, consolam bem melhor que Marco Aurelio...

– As mulheres não fallam só ao nosso instincto. Fallam mais: sem se ouvirem, sem saberem... São quasi sempre vazias ou banaes. Mas para além da frivolidade e do desejo, são verdadeiras fontes d'inconsciente. N'umas palpebras descidas, n'um olhar, no mysterioso de milhares de *nadas*, ha sonhos e sonhos revelados, a expressão do *irreductivel a palavras*.

Ellas são na sua vida interior, como creanças a assistir a uma tragedia... Soube lá nunca a Mona Lisa que tinha tudo o que o Vinci copiou!...

– Um perfume na sombra tem uma voz d'apparição.

– A renuncia é uma doença do desejo. Vem com a velhice quasi sempre.

– A humildade corresponde no homem ao mimetismo dos insectos.

– Certas preferencias – que nem o raciocinio nem a esthesia explicam – despertam em nós sensações de vidas anteriores: um certo perfume, uma paisagem p'ra outros sem encanto, certa feia, uns versos mediocres, um accorde banal...

– Recusei hontem uma apresentação a um «homem de principios». P’ra quê? Um «homem de principios» é um homem conhecido: está impresso.

– *Musica do mar* – Aquelle violinista meu amigo foi viver, por conselho meu, p’rá beira mar. Ia com uma grande febre de compôr. Levava um quarteto inacabado, um esboço de symphonia, outros projectos... Encontrei-o na praia hontem á noite. – Então... esse quarteto? a symphonia?...

– Nem quarteto... nem symphonia... nem violino... Eu já não faço musica. Puz-me a ouvir a do mar bem simplesmente. –

– A moral é um lastro. Deita-se fóra p’ra subir...

– Todos dizem adeus com o mesmo gesto. E esse gesto é o das azas... Subir é ficar só.

– Quando duas criaturas se amam, não pensam um instante em compreender-se. Uma vaga d’inconsciente submergiu-as. Só mais tarde, morto o desejo, se reconhecem com espanto dois estranhos.

Dizem com desespero:

– Um de nós mudou. Já não somos os mesmos.

– D’uma maneira geral, temos mais pontos de contacto com os nossos inimigos do que com os nossos amigos.

Amar uma mulher, querer conseguir o mesmo fim, são causas d’odio.

– O nosso inimigo é o nosso cúmplice.

– Os programmes do governo estão para a politica, como as metaphysicas para as religiões. – Nem os primeiros interessam os partidarios, nem as segundas os crentes.

– A liturgia obliterou-se, é d’uma theatralidade já sem symbolo. Corresponde á rhetorica – ou arte de hypnotisar imbecis com gestos e palavras em que se sacrifica á ideia ausente.

- Não ha esculpturas como as nuvens.
- Os homens que constroem um systema, fazem a propria jaula em que se fecham.

- A grande industria humana – a especifica – é a fabricaçã de deuses.

- P’ra viver puro é preciso durar como as espumas: um instante.

- A tragedia de D. João está no supremo poder de seduzir, de que elle proprio foi a maior victima. Em nenhum amor matou a sêde.

De mulher em mulher, como outros d'ideia em ideia, elle era, essencialmente, um homem *bebedo de Deus* como Spinoza.

– Um perfume é uma confidencia: é tambem o olhar das flôres e, segundo Hello, o seu estylo.

– Viajar é a arte de saborear decepções.

– A magia da viagem, tão grande como a do amor, começa no instante do regresso. A do amor chama-se – saudade, a da viagem – evocação.

– Se na morte tivéssemos consciencia – gozariamos enfim a viagem da vida.

– Um artista n'uma terra nova tem a sensação de nascer segunda vez.

– As escolas litterarias são verdadeiras cooperativas de consumo. É só matricular-se... e cozinhar.

– Os genios são inclassificaveis: são a promessa falhada de outra especie.

– A garra do genio é a sinceridade.

Fallar *por la bocca de su herida* é um acto heroico.

– Só são coerentes os facticios...

– Os que se conhecem são vazios.

– A palavra de honra é uma gazúa. Fórça a credulidade dos ingenuos quando não temos fórça moral p'ros convencer.

– A musica é o medium do mysterio.

– A eternidade é a sensação de *alguns* instantes...

Ás vezes é n'um grande perigo que a sentimos: certos segundos lucidos da agonia em que se faz o supremo exame de consciencia: antes d'uma operação grave, quando cada gesto tem um fervor de despedida; nos ultimos minutos d'um condenado á morte.

Outras vezes é n'um grande gozo que a entrevemos: no spasma da cópula; na aura do ataque epileptico (que Dostoïevski divinisa); nos primeiros momentos de admiração por uma obra prima; na vertigem da criação sub-consciente; e finalmente os

mysticos, na absorção em Deus, ou, segundo a expressão de Dante, quando «partem do seculo.»

– Uma vez, tomando nas mãos uma cabeça de mulher, disse-lhe baixo, com a vontade perdida nos seus olhos: «Pódes fazer de mim o que quizeres.»

É isto que eu agora digo á Vida.

– *Testamento d'um pobre* – Se eu morrer na primavera, envolvam em feno aromatico meu cadaver nú, cubram-me de lilazes e de rosas, deixem-me decompôr assim – com tantos vermes como borboletas!

Enterrem nos meus olhos de morto já gommosos, peciolos de rosas de velludo.

Não m'embalsamem. Que eu seja uma podridão bem petaláda!

Ponham-me sob uma árvore florida, p'ra que um vento de cópula passando sacuda o pollen sobre o meu cabelo! Depois no rôxo outono, morto, o mais feliz dos mortos, cada corvo que vier grasnando – ha-de partir de gula o bico curvo contra o meu craneo em que ha pétalas murchas...

– O sacrificio é a selecção natural invertida: os fortes servem de degrau aos fracos.

– A incoherencia instintiva, absolutamente sincera, tem uma logica interior – a propria logica da vida – que os psychologos profissionaes nunca auscultaram. Os personagens de

Dostoïevski, por exemplo, ganham tanto mais em unidade e em verdade, quanto mais, p'ra olhos vulgares, se contradizem. Bourget é o psychologo da coherencia...

– O grito de Oswald Alving no ultimo acto dos «Espectos»: «Mãe, dá-me o sol», é o grito que a morte gela em muitas boccas.

– Portugal é um navio naufragado em que a tripulação espera ha seculos...

– A architectura que eu mais amo é a dos navios.

Os mastros aspiram como agulhas gothicas, mas emquanto a cathedral se quéda em extase, as velas seguem entre adagios d'azas...

– Adoro o mar. Ando a ensinar ao meu desejo um rythmo de ondas, e á minha dôr a arquear de desespero como as vagas – mas a sorrir por fim em pó d’espumas.

– A. é um mystico (medievalite e hydrophobia), B. vê tudo Wateau (é um requintado...), C. é um grego do tempo de Pericles; eu, tal qual tu me vês, sou um romano...

Quantos homens da Renascença tu conheces!...

O visconde de L., por exemplo, é um Médicis...

Como quasi ninguem está n’esta época – é bem de vêr – quasi ninguem existe. Os que tu vês – são só sobreviventes... almas fosseis...

– Uma estatua mutilada humilha menos a nossa imperfeição: está mais perto de nós, commove mais.

– Conheci um poeta que escreveu a «Imitação do Mar», paralelo á «Imitação de Christo».

Durante semanas viveu n'um quarto – só – uma vida de vaga. Encrespou, arqueou n'um grande esforço, foi um concavo glauco cheio d'azas e explodiu a rir – todo espumante...

Só eu sei que se matou por não poder reviver aquella vida.

– Um livro tem p'ró autor uma outra voz:
– a do seu sangue a correr pelas palavras.

– O rythmo é o anesthesico mais forte.

- O sarcasmo é um soluço que despreza.
- Alguns escriptores publicam os retratos nos seus livros. Ignoram, decerto, que a *vera effigie* d'um artista – é o estylo.

- Ha no fundo do pamphletario mais violento, um pobre diabo ingenuo, fascinado, que aspira a *conselheiro* – sem saber...
- Receita p'ra fazer successo: condensar a banalidade, dar-lhe emphase e imprimil-a com maiusculas...

- Alguns condemnam as corridas de toiros e proclamam como uma obrigação – o sacrificio...

– A procurar o sentido da vida, esquece-se muita gente de viver.

– Conheço muita gente que só olha a natureza... emmoldurada.

– O processo, em arte, é o *maquillage* do talento.

– O sucesso faz-se nos jornaes: – a gloria no silencio.

– Quando um homem superior é celebre – ou é admirado por defeitos, ou então por qualidades que não tem...

– As metaphysicas são a *Belle au bois dormant* contada em ideias.

– Que frio! Deito ao lume os meus deuses
p’ra aquecer... É bom ouvil-os creptar:
lenha divina!

Mas da cinza dos deuses – nascem
deuses. Pela janella aberta vejo uma estatua
na nevoa: o supra-homem!

Crear deuses é a mais estranha função
da nossa especie. Nem podemos aspirar as
rosas: vivemos asphixiados de divino...

– Já viste uma ave livre – adormecida?...
Tem nas azas fechadas todo o ceu. Antes de
te deitares, bebe á janella a noite, até
cahires...

– A civilização é uma camisa de forças.
Ha duas maneiras de a rasgar: a arte e o crime.

– A sociedade perfeita é a de Narcizo: – a propria imagem reflectida n’uma fonte. É o maximo e o minimo de convivio.

– A alegria é a perola dos mergulhadores.
Só se descobre com muitas atmospheras de dôr por sobre os hombros.

– Meditar é viajar atravez de nós mesmos.

– A lei faz isto: que um homem passe com fome n’um pomar sem cravar os dentes n’um só fructo...

– As academias são o *trust* da gloria. Ás vezes – são tambem o asylo...

– P’ra saberes a expressão que teem as rochas – encommenda uma a um esculptor. Nenhum t’a poderá executar.

São mil mascaras fundidas n’uma mascara.

– A melhor maneira de admirar um escriptor é viver segundo o rythmo da sua obra.

– Viver é adorar com o corpo todo. A suprema oração é o desejo, a lingoagem – a arte, que é o esforço heroico p’rá Belleza.

– Morte! És p’ra mim o sal da vida...

O teu silencio grita: – andem depressa!
Deita mais lenha na ambição, ambicioso;
decifrador d'enigmas, parte a esfinge; corpo
a corpo, amorosos, sonho em sonho; e tu,
maniaco de theorias, bom philosopho, coze
depressa o teu systema – anda depressa!...

O teu silencio excita como uma dansa de
bayadéras: dá vertigem...

P'ra exasperar em nós a sagrada loucura
de viver, para que os homens não percam
um instante – ergam-te estatuas nos jardins,
nas praças, na cimalha das academias e dos
templos, Musagéta da Vida, grande Morte,
com a lyra d'Apollo e olhos vazio.

INDICE



	PAG.
Dialogo com uma aguia	9
O precoce	47
O homem das fontes.....	77
Suze	119
O Veiga	155
Words.....	201

ISBN: 978-1-300-83346-8